



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**O estudo do lugar por meio de conceitos geográficos: uma
possibilidade para alunos do Distrito Federal**

MARINA FONTES BORGES

Brasília-DF
2011

Marina Fontes Borges

**O estudo do lugar por meio de conceitos geográficos: uma possibilidade
para alunos do Distrito Federal**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final para a
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Me. Cristina Maria Costa
Leite

Brasília-DF
2011

Marina Fontes Borges

**O estudo do lugar por meio de conceitos geográficos: uma possibilidade
para alunos do Distrito Federal**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final para a obtenção do título
de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Me. Cristina Maria Costa
Leite

Banca Examinadora:

Professor Drº Antônio Fávero Sobrinho
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Drª Teresa Cristina Cerqueira
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, _____ de _____ de 2011

À Deus,
minha tia Maria das Graças Fontes e
meu primo Rafael Fontes Souto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu maior suporte emocional. Acredito que graças a minha fé e crença tive forças para superar os momentos mais difíceis e os obstáculos que quase me impediram de realizar um curso de graduação com qualidade e chegar até aqui.

À minha família, que sempre me apoiou nas escolhas que eu fiz e me ajudaram a realizar o desejo de ingressar na UnB.

Em especial, a minha prima Maria Tereza Ávila. Se não fosse pela sugestão inicial dela em morar perto de onde estudava talvez eu não tivesse condições de tempo e estudos necessários para ingressar na UnB.

Ao meu primo Rafael Fontes Souto que, desde sempre acreditou no meu potencial e me ajudou quando precisei, mesmo que para isso tivesse que abrir mão dos seus dias de descanso, férias e estudo.

À minha tia Maria das Graças Fontes que mais do que qualquer outra pessoa abriu as portas de casa para me receber, me ajudou a crescer e tornar uma pessoa cada dia mais responsável e esforçada. Sendo hoje um das mulheres que mais admiro.

A minha mãe, pai e irmã que acompanharam todo o meu processo de formação e sempre tentaram me dar as melhores condições de vida e estudo que podiam.

A minha orientadora, professora Cristina Maria Costa Leite, por toda sua paciência e dedicação em me ajudar e contribuir bastante com o desenvolvimento do trabalho. Por ter acreditado na minha capacidade em construir algo que valesse a pena.

As minhas amigas e companheiras de curso, em especial, Lara Reis, Raquel Carvalho e Priscila Garcia, que me acompanham desde o primeiro semestre até hoje. Obrigada pelo companheirismo e cumplicidade de sempre.

A todos os professores da Faculdade de Educação, que contribuíram para minha formação acadêmica, profissional e por vezes pessoal. Dentre eles em especial Denise Maria Botelho, Livia Freitas Borges, Marta Klumb, Teresa Cristina Cerqueira, Marcelo Régis,

Tadeu Queiroz, Fátima Guerra, Bráulio Tarcísio, Ana Lúcia Abreu, Cristiano Alberto Muniz e Maria Carmen V. R. Tacca.

A professora Ana da Costa Polônia, que desde o quarto semestre tem me acompanhado na UnB. Agradeço pela oportunidade de participar de um projeto de pesquisa, a disponibilidade de sempre me ajudar quando precisei, independente do assunto. Um exemplo de profissional, dedicada e comprometida com os trabalhos que desenvolve e participa. Pela sua postura, determinação e responsabilidade. Sem dúvida uma pessoa que me ensinou muito.

Agradeço também a Escola Classe 114 sul que me recebeu muito bem e deu abertura para a realização deste trabalho e sempre esteve a disposição para me ajudar quando solicitei.

Enfim, agradeço a todos que estiveram do meu lado durante todo o meu período de graduação.

“O educador que, ensinando geografia “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se”. (Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo buscar e analisar como as informações que os alunos têm sobre o lugar que moram por meio da elaboração de um jornal local, como um trabalho didático e lúdico. Para isso foi realizada uma pesquisa qualitativa e participante na área de geografia, baseado na fundamentação teórica da Geografia Humanística, e Pedagogia construtivista para o estudo do lugar por meio de outros conceitos geográficos, com 7 crianças do 5º ano do ensino básico, moradores de 3 Regiões Administrativas do Distrito Federal sendo Brasília, Taguatinga e Cruzeiro, e que estudam numa mesma escola. Dessa forma, a análise dos resultados apontou para a importância do conteúdo do lugar dentro de um contexto do cotidiano dos alunos para a formação e apropriação de conceitos geográficos mais amplos e abstratos. Ao final, concluiu-se acerca da riqueza das informações expressas pelos participantes de acordo com os conceitos propostos, e acerca das evidências do lugar de moradia de cada aluno.

Palavras Chave: geografia, lugar, conceitos geográficos e pedagogia.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
MEMORIAL EDUCATIVO	11
1. CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	22
1.1 Introdução	22
1.2 Justificativa	25
1.3 Pergunta de Pesquisa.....	29
1.4 Objetivos Geral	29
1.4.1 Objetivos específicos.....	29
2. CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO	30
2.1 O ensino a partir do lugar.....	30
2.2 Aprendizagem do lugar	34
2.3 Distrito Federal.....	38
3. CAPÍTULO III – METODOLOGIA	42
3.1 A abordagem metodológica	42
3.2 A escolha dos participantes	44
3.2.1 Instrumentos de pesquisa	44
3.2.2 Procedimentos para a realização da pesquisa.....	47
4. CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS	58
3.2.2.2 Lazer.....	60
3.2.2.3 Recado para as autoridades	69
3.2.2.4 Pontos turísticos	78
CONCLUSÕES	87
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	89
REFERÊNCIAS	90
ANEXOS	93

ANEXO A – Primeira atividade do jornal	93
ANEXO B - Capa do livro utilizado para leitura coletiva	94
ANEXO C - Exemplo de texto jornalístico produzido por meio do conto	95

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho foi realizado durante o primeiro semestre letivo do ano de 2011, na disciplina de Projeto 5 – Trabalho Final de Curso - fase obrigatória para a obtenção de diploma de nível superior do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, com orientação acadêmica da professora Cristina Maria Costa Leite, e encontra-se dividido nas seguintes partes:

Memorial Educativo, onde há um relato que especifica minha trajetória de formação e meu percurso acadêmico na disciplina de Geografia. Nesse sentido, busco explicar o surgimento de meu interesse no exercício da profissão de professora, minhas experiências diretas com a formação nesse campo, em geral, e em particular com a disciplina de geografia. Ao final procuro refletir sobre como minhas escolhas pessoais influenciaram na elaboração deste trabalho;

Desenvolvimento do trabalho, que especifica o levantamento bibliográfico realizado nas áreas da geografia e pedagogia, sua sistematização, formulação do problema de pesquisa, análise e resultados.

Perspectiva profissional, onde explico meus desejos e ambições a partir da minha trajetória acadêmica, após a conclusão de mais essa etapa na minha formação.

INTRODUÇÃO

A educação obtida nas escolas é influenciada pela conjuntura histórica, política, econômica, social e cultural vigente. No que se refere ao ensino fundamental, este passou por transformações, na tentativa de acompanhar e se adaptar à realidade, a fim de melhorar o padrão de qualidade das escolas e no ato de ensinar.

Considerando-se que no mundo contemporâneo a informação e tecnologia são recursos que ultrapassam as barreiras físicas e temporais, constata-se uma nova exigência também aos profissionais da educação. Esses precisam ter condições de verificar de forma processual a aprendizagem de alunos, por meio de novas estratégias e objetivos de aprendizagem a serem alcançados pelos alunos.

Diante dessa situação constata-se que um desafio para o educador diz respeito à formação de um aluno com interesse e autonomia para aprender a aprender, a analisar e refletir criticamente, buscar melhorias para si e para a comunidade onde está inserido e, nessa perspectiva, efetuar proposições, adotar ações e tomar decisões que acarretem mudanças positivas para a sociedade. Essa compreensão parte do pressuposto que a educação deve ser algo construído coletivamente entre professor e aluno, onde o aluno não é apenas um receptor da informação e sim um agente crítico, capaz de dialogar com o professor e os outros alunos (FREIRE, 1996).

Assim, na educação em que há troca de informações entre o aluno e o professor, existe a possibilidade de se estabelecer relações de ensino e aprendizagem, capazes de motivar a participação do educando na produção do conhecimento, contrário a memorização de conteúdos, que são apenas transferidos e sem significado real, ou seja, aquele do qual o aluno se apropria, tem condições de explicá-lo e realiza considerações pautadas na reflexão sobre o assunto tratado. Desse modo, a escola deve contribuir para que o educando se torne um sujeito ativo, capaz de participar do processo de construção de conceitos associados aos conteúdos estudados.

Este trabalho parte da premissa que, ao considerar o lugar do educando como ponto de partida da aprendizagem, o professor cria condições para levar à sala de aula, um conteúdo que valoriza a vida do aluno, e suas próprias experiências. Como consequência, a aprendizagem se torna mais contextualizada e familiar para quem ensina e aprende, pois

quando o aluno sente-se integrado àquilo que o professor está explicando, sua curiosidade sobre o assunto aumenta. Desse modo, o lugar vivenciado pelo aluno pode exercer o papel de mediador no processo de construção do conhecimento científico. A inserção de novos conceitos que são trabalhados de acordo com referenciais que o aluno já conhece, relacionados ao local onde mora, por exemplo, facilita o processo de apropriação desses e a vinculação entre o ensino da sala de aula com o cotidiano do educando.

Em termos conceituais o lugar constitui-se uma categoria de análise do espaço geográfico que, para ser ensinado, precisa inicialmente ser delimitado. Assim, é necessário fazer um recorte inicial, trabalhando um lugar específico, conhecido pelos alunos, o qual traz em sua composição características gerais que podem ser encontradas em diversos níveis territoriais. Nessa perspectiva, torna-se viável, para o educando, estudar primeiro seu lugar, onde são conhecidas as relações sociais nas quais está envolvido, as possibilidades ofertadas em termos de lazer e cultura, entre outros aspectos não menos relevantes, para em seguida, correlacionar e apreender sobre outros espaços mais complexos (CALLAI, 2000).

O lugar pode ser apresentado pelo aluno, por meio do seu olhar sobre sua história e vivências. Isso permite que haja um diálogo e troca entre todos os alunos de uma mesma turma, possibilita comparações sobre as diferenças e semelhanças, estabelecimento de hipóteses e conclusões. O intuito não é apresentar o lugar como um espaço fragmentado e isolado, mas iniciar a construção de um dado conceito, a partir das vivências e opiniões do próprio aluno. Nota-se, então, que na apresentação sobre o lugar de um aluno, os outros que moram na mesma cidade, mas em lugares diferentes, trazem também suas realidades. Tal fato se transforma em uma rica troca de experiências as quais contribuem com as relações que são feitas para análise entre os níveis de escala regional e global.

Nesse contexto evidencia-se o cenário da educação em Geografia. Essa é uma das disciplinas que possibilita um trabalho pautado na interação e participação do aluno, mediante diálogos que criam a possibilidade de produção de conhecimentos através de vivências cotidianas, orientado à compreensão e apropriação da realidade do educando, para posteriormente, ser aplicada à compreensão do mundo. Trabalhar o lugar na perspectiva da Geografia traz, portanto, a possibilidade dos alunos apreenderem determinados conceitos a partir de mecanismos constituídos no espaço geográfico. Esse espaço geográfico é delimitado pela sua história e cultura, feita pelos próprios moradores, ou seja, um lugar é construído a

partir do estilo de vida dos homens, processos de produção e movimentos da natureza (Callai, 2000), que são assuntos abordados no conteúdo da Geografia do ensino fundamental.

Com isso, o estudo do lugar a partir do próprio sujeito tem um papel muito importante para a formação do educando, em especial nos anos iniciais do ensino fundamental, pois traz o espaço geográfico de forma concreta, a fim de mediar uma socialização entre a turma (com cada aluno participando ativamente e interagindo, apresentando o seu lugar para professor e demais alunos), a apropriação de conceitos (a partir da realidade do lugar de cada um) e desenvolvimento para uma reflexão crítica sobre vários aspectos, principalmente nas inter-relações homem/ natureza (objeto de estudo da geografia).

De acordo com o Currículo da Educação Básica do Distrito Federal (2008), o ensino de geografia está dividido em “Natureza” e “Espaço e Lugar”, onde nos primeiros anos de escolarização do ensino fundamental, a criança já começa na escola a se situar a partir das relações humanas e seu espaço vivido (escola, vizinhança e família), aumentando gradativamente o nível de escala territorial e complexidade dos conteúdos. No decorrer dos anos letivos, até o 5º ano, o processo de desenvolvimento das habilidades dos alunos no ensino de geografia não descarta o conteúdo do lugar em nenhum ano escolar e nesse processo, especificamente no 4º ano do ensino fundamental, as habilidades e conteúdos estão voltados para o Distrito Federal como um todo e cidades do Entorno. No entanto, o lugar no DF possui algumas peculiaridades na sua organização espacial fazendo com que o conteúdo de geografia se torne diferente em relação às demais unidades federativas.

Considerando-se que o lugar Distrito Federal possui 30 RA'S com suas características próprias, e que as escolas recebem alunos de diversas Regiões Administrativas e cidades do Entorno, surge o interesse em investigar se esses alunos, já no 5º ano, são capazes de se perceberem como parte da Região Administrativa que moram, a partir de conceitos que estão ligados ao seu cotidiano, a saber: lazer, qualidade de vida e pontos turísticos.

JUSTIFICATIVA

O interesse em pesquisar sobre o ensino do lugar no Distrito Federal surgiu por meio da disciplina Educação em Geografia, matéria obrigatória do curso de Pedagogia desta universidade, cursada no 6º semestre letivo, no ano de 2009. Durante a disciplina, as discussões efetuadas em sala de aula, a leitura de determinados textos e minha trajetória escolar geraram interesse e motivação à realização de pesquisas na área, com o objetivo de somar experiências para contribuir com o ensino de geografia no ensino fundamental. Assim, ensinar/aprender conceitos em geografia, por meio do lugar, mostrou-se viável, pela possibilidade de se constituir uma aprendizagem significativa.

Nesse sentido, parte-se da premissa que a aprendizagem significativa é aquela que começa a ser ensinada a partir dos conceitos que o aluno traz de seu cotidiano. Tal afirmação é decorrente da teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel (1978) e Moreira (2006). Essa ocorre quando o aluno é capaz de relacionar uma nova informação, de forma não arbitrária e de maneira substantiva, com outra relativa à sua própria vivência. Desse modo, durante o processo da aprendizagem, essa nova informação irá interagir com aquela que já faz parte da estrutura cognitiva do aluno, resignificando-a.

Assim, podemos afirmar que o cotidiano vivido pelo aluno, corrobora com a formação de seu conhecimento de mundo e permite identificar situações que lhe permita estruturar alguns conceitos, como por exemplo, aqueles referentes ao lazer, aos problemas da sua cidade, pontos turísticos, entre outros. Desse modo, até mesmo as notícias sobre a cidade irão possibilitar a aprendizagem de novos conceitos, principalmente aqueles relacionados à área da Geografia.

Nessa perspectiva, para o aluno correlacionar e depois assimilar seus conceitos prévios com aquele que está aprendendo, o assunto precisa ser significativo, no sentido do aluno ter algum tipo de relação com aquilo que lhe está sendo ensinado. Acredita-se, então, que o estudo do lugar é um conteúdo significativo, já que seu estudo na geografia pode ser mediado por outros conceitos que fazem parte do espaço geográfico do educando.

Entretanto, observa-se que ainda existem práticas tradicionais nas aulas de geografia, onde professores ensinam o espaço de forma fragmentada e linear, utilizando uma metodologia no qual o estudo do lugar é mediado por propostas de livros didáticos. Esses

priorizam discussões genéricas, pautadas na mecanização do conhecimento, sem estabelecer elos durante o ensino, tampouco facilitando uma construção conceitual, que permita aos alunos refletirem sobre semelhanças e diferenças entre seu lugar e os demais.

Essa perspectiva educacional tradicional permanece em vigência nas escolas, pois ainda existem professores que pouco valorizam o cotidiano e diversidade de seus alunos, sem explorar aquilo que tem um significado real para quem aprende. Conseqüentemente, a aprendizagem pura e simples, do conteúdo não colabora para uma reflexão crítica. Isso impede a construção coletiva do conhecimento, uma vez que o aluno não se sente integrado com o que o professor fala e não relaciona o assunto com aquilo que já é conhecido por ele.

Tal situação ocorre, também, no contexto da disciplina de geografia. Nesse caso, porém, tal postura é decorrente de um determinado momento de evolução dessa ciência, quando seus postulados estavam assentados na fundamentação filosófica positivista¹ e na ideologia do nacionalismo patriótico², cuja superação remonta aos anos 70 do século XX. Desde então, várias iniciativas vem sendo adotadas para superar essa geografia tradicional de base positivista. Entre essas, destaca-se o estudo do lugar.

Atualmente, no que diz respeito aos conteúdos de Geografia, o lugar constitui-se categoria de análise do pensamento geográfico. Nesse sentido, é necessário que esse seja trabalhado com conceitos vivenciados pela criança, os quais integram seu espaço geográfico. A partir desses conceitos, então, o aluno terá a possibilidade de estabelecer uma ligação entre o que é concreto e inicialmente abstrato com seu espaço real e em seguida, correlacionar e assimilar o conteúdo apropriando-se deste.

Este trabalho opta pelo conceito de lugar da Geografia Humanística, uma vez que essa vertente propõe a valorização das experiências vividas pelo aluno. Nesse sentido, a partir das relações de afetividade do aluno com o lugar, o ensino torna-se mais significativo. Tal fato

¹ Vlack (apud C. Leite, 1998, p. 251) nomina de Ideologia do Nacionalismo Patriótico a inculcação de uma ideia de pátria no discurso escolar em geografia. Isso ocorre quando há uma inversão do real: considera-se sujeito da análise geográfica algo que na realidade se constitui objeto da ação humana: o meio físico.

²“Os postulados do positivismo se constituem o patamar sobre o qual se edifica o pensamento geográfico tradicional, dando-lhe unidade. Caracteriza-se por: reducionismo, que reduziu a realidade aos aspectos visíveis da paisagem. Daí a ênfase na fisiografia da Terra (o meio físico da paisagem), a fragmentação (relevo, hidrografia, vegetação...); empirismo, que caracterizou os procedimentos de análise, responsabilizando-se pela pelas características de observação, descrição, enumeração e classificação dos fatos referentes a paisagem. Daí os compêndios enumerativos e exaustivos e a memorização desses dados como a única forma de “apreensão” do conhecimento geográfico” (C. Leite, 1998, p. 252-253)

constitui-se um facilitador para a apropriação de conceitos, notadamente aqueles referentes ao espaço geográfico, possibilitando a compreensão de sua posição como ser no mundo.

De acordo com os Parâmetros Nacionais Curriculares de Geografia (1996, p.7), “o lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico”, ou seja, há uma familiarização do aluno com o conteúdo. Isso

“contribui para que se compreenda como se estabelecem as relações locais com as universais, como o contexto mais próximo contém e está contido em um contexto mais amplo e quais as possibilidades e implicações que essas dimensões possuem”. (Ibidem, p. 7)

A geografia dispõe da possibilidade de trabalho com conteúdos significativos, não somente para o aluno se tornar participativo, como também para aprender a correlacionar fatos que aconteçam no lugar onde mora, no Brasil e no mundo. Por isso, a formação do pensamento e associação com acontecimentos conhecidos por ele e percebidos em outros lugares, colaboram com a reflexão crítica e construtiva individual. Tal fato auxilia o aluno na compreensão das transformações na sociedade, suas causas e consequências.

De acordo com Callai (2005), ao se estudar o lugar, parte-se de lugares específicos para facilitar a compreensão sobre o espaço geográfico, que é construído e resultado de um processo histórico. Para o aluno, tal perspectiva parte de um objeto concreto e real. Dentro desse espaço real, o aluno consegue identificar e perceber, com mais facilidade, os conceitos que são estudados na geografia, tais como: o que define uma cidade e serviços essenciais para a constituição desse espaço. A adoção de exemplos mais concretos, que pertençam ao cotidiano dos alunos, dentro de sua cidade e da comunidade em que vivem constitui-se, então, um facilitador da construção de conceitos em geografia.

Acredita-se que dessa forma há uma interação e sentimento de pertencimento do aluno com o lugar, o que facilita a aprendizagem não só sobre sua geografia, história e cultura, como também sobre a apropriação desses conceitos e sua abrangência. Nessa perspectiva a construção da reflexão e o pensamento autônomo constituem-se objetivos gerais do processo de ensino aprendizagem. No campo disciplinar da geografia, a articulação entre o local e o global, então, expressam possibilidades concretas, a serem obtidas por meio do lugar, onde há

um entrosamento entre aquilo que está próximo, que o aluno já reconhece e aquilo que está distante. E, se tratando do lugar, tanto o lugar perto quanto o lugar distante trazem em seus territórios fenômenos similares: o de constituição de um espaço geográfico articulando os conteúdos e, por conseguinte, facilitando a compreensão do aluno entre assuntos de natureza tanto local e quanto global.

PERGUNTA DE PESQUISA

Os alunos do 4º ano são capazes de perceber a realidade do lugar onde moram a partir do cotidiano que vivenciam?

OBJETIVO GERAL

Buscar e analisar as informações que os alunos têm sobre o lugar que moram e realizar o trabalho de maneira lúdica e pedagógica.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar quais os conceitos geográficos apreendidos por meio do estudo do lugar.
- Verificar se a elaboração de um jornal sobre o lugar do aluno constitui-se uma atividade adequada à apreensão de conceitos geográficos.
- Identificar o interesse do tema pelos alunos.
- Analisar como os alunos do 5º ano apreendem conceitos geográficos por meio do estudo do lugar.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino a partir do lugar

O trabalho desenvolvido pauta-se no campo da Geografia e Pedagogia, onde foram considerados para a área da Geografia, pesquisadores que desenvolvem trabalhos sobre o lugar, de acordo com a corrente da Geografia Humanística como: Callai (2000, 2005), Cavalcanti (2000, 2005, 2008), Holzer (1999), Leite A.F (1998) e Leite. C.M (1998, 2010). No que diz respeito à área de Pedagogia, os estudos feitos são fundamentados nas perspectivas de, Moreira (2006) com a teoria da aprendizagem significativa iniciada por Ausubel (1968, 1978, 1980), Freire (1996) sobre a pedagogia libertadora, que defende uma educação construída por uma relação de troca entre o educador e o educando e Vygotsky (2008), um dos percussores da educação construtivista e dialética na perspectiva histórico-cultural.

Sobre a Geografia Humanística e sua relação com o lugar, encontramos textos que apontam o início dessa corrente na década de 1970 (Cavalcanti e Leite A.F, 1998, Leite C.M 2010, Holzer, 1990), quando a ciência geográfica voltada apenas para o positivismo já havia sido rompida e seus estudos passaram a dar mais importância para a relação entre o Homem e o meio. Tal situação foi ocasionada pela dificuldade em se responder sobre as mudanças que ocorriam e não podiam ser explicadas objetivamente, através apenas de dados estatísticos e fórmulas já estabelecidas. Dessa forma, a geografia humanista passou a definir o lugar como um produto de experiências, ou seja, no que se refere ao espaço vivido a partir do vivenciado (Holzer, 1999). Conseqüentemente, o lugar na geografia deixou de ser visto apenas como uma área locacional, que podia ser descrita apenas pelos aspectos físicos e começou a ser explicada também pelos aspectos sociais.

Nesse sentido, o lugar na Geografia Humanística, passou a ser definido como uma parte do espaço que é constituído quando há relações humanas, cheio de afetividade, experiências e lembranças, que ligam o homem ao seu contexto de vida e contribui para sua formação como pessoa social. Para Leite M.C (2010, p.5), “a corrente humanística da Geografia tem como principal característica a valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente”, implicando que tal vertente trata

o lugar na geografia como um conteúdo subjetivo e influenciado por diversos outros fatores sociais e emocionais.

Com isso percebemos que quando falamos sobre o lugar, estamos determinando um certo lugar que pode ser conhecido ou desconhecido tornando-o assim algo mais específico dentro do conceito espacial da geografia. Tuan (*apud* Cavalcanti 1998,p.89), diferencia esses conceitos, considerando que espaço é um termo mais abrangente, que se torna uma categoria nomeada de lugar quando o homem passa a conhecê-lo e valorizá-lo. Entretanto, tais valores podem ser positivos ou negativos, evidenciando que ambos são munidos de sentimentos que o homem constrói com o lugar.

Outra característica dessa abordagem é a de que uma pessoa desenvolve essa relação de afetividade e transforma determinado espaço como sendo seu lugar, quando se sente segura e amparada por esse, ou seja, a pessoa estabelece um vínculo com aquele espaço do qual passa a ser tornar um integrante. Podemos dizer então que, o lugar é aquele em que o homem se sente de alguma forma, pertencido.

A partir dos conceitos apresentados, sobre a definição do lugar, Cavalcanti (1998) sintetiza-o como um recorte do espaço que tem significado para a pessoa. Porém, para um determinado espaço se tornar um lugar com significado, é necessário que a pessoa crie laços com o local, quando esse demonstra como é a vida, os modos de fazer as coisas e o tratamento entre o homem com a natureza (Callai, 2000).

Partimos do pressuposto que as relações entre o homem e o seu lugar são mediadas pelos sentimentos, interação e cotidiano. Esse lugar, portanto, é compreendido como um espaço cheio de significados para quem vive nele. No entanto, para haver essa interação, Leite A.F (1998) coloca que antes da afetividade que é criada entre o homem e o lugar, existe uma relação de interesses predeterminados com este lugar. Isso significa dizer então que, as intenções do homem com um espaço, ocorrem a partir de um entrosamento feito entre o que se deseja naquele espaço e o alcance do desejado. Havendo essa correspondência, é possível que o sujeito passe a criar um vínculo com aquele lugar. Concluindo assim que,

“os lugares só adquirem identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar,

ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas” (Relph *apud* Leite A.F, 1998 p. 10).

Dentre o lugar físico e as atividades que ali são desenvolvidas, algumas pertencem também ao cotidiano das crianças e esse, para ter significado, precisa oferecer recursos, que se inserem em sua realidade para propiciar a participação ou inserção dela no dia a dia daquele lugar a fim de que seja criado um vínculo entre aquele espaço e uma identidade com o homem. Nesse sentido, podemos considerar o lazer como um lugar. Esse tem a possibilidade de criar situações em que o homem pode vivenciar o bem estar que está fora de sua rotina além de ser um espaço que proporciona serviços e atividades pertencentes daquele espaço, independente de serem gratuitos ou não. O comércio é um conceito que integra os conteúdos em geografia. Assim, compreender o comércio local como um lugar onde há circulação financeira, carrega também uma identidade com as pessoas que convivem naquele espaço. Os pontos turísticos que são espaços mais valorizados e apreciados por moradores e visitantes possuem características que representam a construção histórica.

Por meio dos conceitos acima citados, é possível identificar como as crianças reconhecem o seu lugar e se elas destacam algo que pertence somente onde vivem, ou seja, está ligado àquele lugar de acordo com sua população, modo de vida e padrões culturais em geral, valorizando aquilo que é exclusivo de onde moram. Ou se destacam aquilo que é universalmente conhecido e pode ser encontrado em outros espaços.

Existem, portanto, conceitos geográficos que expressam lugares e não possuem referências identitárias com qualquer comunidade, isso atesta o não-lugar. Segundo Callai (2000, p.121), “os não-lugares são espaços vazios de conteúdo, sem história. São neutros, são transitórios, em geral, de uma arquitetura de desnudamento”, ou seja, esses não-lugares são aqueles que não pertencem ao lugar do indivíduo por isso estão desconectados da trajetória do lugar onde esses se inserem. Possuem uma arquitetura de desnudamento, pois a maioria deles tem uma estrutura uniforme e padronizada, como por exemplo, os shoppings *centers* ou agências bancárias. Esses são lugares que independente de onde estejam não se relacionam com a forma ou padrão de vida das pessoas e suas singularidades, de tal modo que, não possuem uma aproximação com o lugar no qual estão inseridos. Outro exemplo relativo ao não lugar refere-se às vias e estradas que cumprem apenas o papel de ligar um local ao outro. Esses são espaços passageiros que se relacionam de maneira rápida, inviabilizando a produção

de um contexto histórico e pessoal que se familiariza com as pessoas que utilizam o espaço apenas como percurso.

Quando vamos então trabalhar o lugar nas escolas, estamos lidando com um conteúdo abrangente e complexo abarcado por diversos outros conceitos que estão relacionados com a construção do espaço geográfico em sua totalidade. Conteúdos que promovem o desenvolvimento cognitivo e social no educando utilizando-se de instrumentos que correspondem à realidade vivida pelos próprios alunos. Dessa forma, a partir do aporte teórico fornecido pela Geografia Humanista, o lugar estudado por crianças a partir de conceitos que integram suas vivências é viável, uma vez que se ensina um conteúdo do qual os alunos tem experiências concretas e afetivas, do próprio cotidiano. Essa proximidade, do ponto de vista pedagógico, facilita a compreensão e aprendizagem na sala de aula, pois ao se estudar um assunto do qual o aluno já tem algum nível de familiaridade, ele encontra possibilidades de interagir seus conhecimentos comuns com aqueles que são conhecimentos científicos. Os conhecimentos que, em princípio, eram apenas elaborados inconscientemente pelas vivências dos alunos passam a ser articulados com novos conhecimentos. Conceitos dos quais os alunos já possuem referências, facilitando a associação entre sua sabedoria com novas informações. Por isso é necessário que o professor saiba valorizar o lugar de cada aluno, tanto nas generalizações quanto as especificidades, pois partimos daquilo que a criança já sabe para posteriormente ensinarmos aquilo que tem condições de se relacionar com seus conhecimentos prévios.

Nessa perspectiva, ao lidar com uma educação que diz respeito ao espaço geográfico, estamos proporcionando aos alunos descobrir as relações humanas sociais e com o ambiente por meio da sua própria visão a respeito dos conteúdos da disciplina. Isso contribui para um ensino holístico, pois,

“ao partir de uma concepção de lugar, deve-se considerar que ele não se restringe aos seus próprios limites, nem do ponto das fronteiras físicas, nem do ponto de vista das ações e suas ligações externas, mas que um lugar comporta em si o mundo”. (Callai, 2005, p.7).

Podemos então inferir que, a partir do próprio lugar do aluno existe a possibilidade de estudar também aquele lugar que está distante. Isso porque algumas situações vividas em certos espaços têm semelhanças ou fatores parecidos/iguais que desencadeiam uma série de

consequências para as relações sociais e ambientais no lugar. Esses lugares também podem ter algumas características parecidas, porém por motivos distintos.

Aprendizagem do lugar

Quando estamos estudando o lugar com alunos, temos que saber correlacionar aquilo que eles vivenciam no cotidiano com o que está distante da realidade deles, a fim de que se possibilite a compreensão dos conteúdos e suas complexidades. Tal afirmativa tem relação com a teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel. Ele parte do princípio que o ensino deve ser voltado para os conteúdos que o aluno já sabe sobre o assunto a partir do que ele conhece.

Apesar de Ausubel ter sido o principal precursor da teoria da aprendizagem significativa, ele não deu prosseguimento aos estudos voltados para a área da psicologia educacional. Atualmente, no Brasil, o professor Marco Antônio Moreira³, ex aluno de Ausubel, é um dos principais representantes reconhecidos na área da psicologia educacional sobre a aprendizagem significativa. Por esse motivo, serão usadas de referencial sobre a aprendizagem significativa, suas publicações baseadas na teoria de David Ausubel.

O estudo do lugar, na perspectiva em que foi trabalhada, buscou aporte nas teorias da aprendizagem significativa, como já mencionada, e nas relações sócio-histórico-culturais de Vygotsky. Com formação em Direito e Filologia e reconhecido como um dos principais teóricos sobre educação na área da Pedagogia, com estudos na voltados para a psicologia educacional. Nas duas abordagens encontramos a formação de conceitos e conhecimento já trazidos pelo aluno como o ponto inicial para a construção de um conteúdo novo, mediado por relações sociais ou instrumentos metodológicos de ensino.

Sobre a formação inicial de um conceito, Vygotsky traz implicações voltadas para a formação histórico-cultural onde o aluno começa a aprender sobre um conceito, formação moral entre outros, logo nos primeiros anos de vida, de acordo com o seu meio social e experiências vivenciadas. Para Vygotsky, “a aprendizagem começa muito antes das crianças começarem a frequentar a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia (2008, p.94).

³ A fonte primária da teoria de Ausubel sobre a aprendizagem significativa encontra-se em língua estrangeira. Por isso, este trabalho contempla as considerações feitas por Moreira acerca do assunto.

De acordo com a teoria sócio-construtivista, o desenvolvimento ocorre após a aprendizagem, e, fundamentado na dialética, independente de estar em um espaço formal de educação. A teoria também defende que uma criança aprende quando existe uma mediação entre a ela e alguém com mais experiência e conhecimento, ou seja, a aprendizagem depende dos recursos que uma criança possui. De onde ela vem, quais os objetos ou ações estão presentes durante o processo de construção de conceitos.

A aprendizagem e desenvolvimento não são a mesma coisa, mas estão inter-relacionados. O conhecimento por algo novo não inicia a partir do ponto zero da criança e sim com a união daquilo que a criança já sabe e que Vygotsky denomina como Zona de Desenvolvimento Real/ZDR, ou seja, a criança já compreende algo sobre determinado assunto, e a Zona de Desenvolvimento Potencial/ZDP que é aquilo que a criança ou aluno já é capaz de aprender, pois já teve um desenvolvimento intelectual capaz de conhecer sobre algo novo.

Aquilo que a criança já sabe, por meio das suas relações socioculturais, são importantes para contribuir com a aprendizagem de um novo assunto. Esse, no entanto, para ser entendido pelo aluno, necessita que ele já possua funções de maturação próprias para desenvolver um novo conhecimento, o que anteriormente já foi denominado como ZDR.

Trazendo a teoria de Vygotsky para ensinar sobre o lugar com alunos do 5º ano, busca-se atingir a aprendizagem e nível de maturidade mental que os alunos tem para perceber acontecimentos vivenciados na sua comunidade para em seguida, a partir da sua história prévia, possibilitar a aprendizagem de novos conceitos geográficos ligados ao seu cotidiano. Nessa perspectiva, Cavalcanti defende que,

“a aprendizagem geográfica requer, a formação de conceitos geográficos [...]. E, sendo assim, o ensino deve se voltar para a apropriação de significados geográficos, processo que ocorre na negociação de significados resultante da relação dialógica”. (2005, p. 199)

Essa relação dialógica é justamente a relação que o aluno faz com aquilo que ele já sabe com o que é novo, sendo essa relação mediada por instrumentos, que são objetos concretos, ou signos, que é aquilo que já tem um significado para o aluno e é usado como suporte para uma nova aprendizagem. Entretanto, os signos não precisam ser necessariamente

um objeto concreto. Eles podem estabelecer uma relação de causa e efeito, como a fumaça que remete a pessoa a pensar em fogo; simbólicos por imagens ou desenhos que, por meio de uma figura remete a uma representação; e os simbólicos linguísticos, que são as letras e números, por exemplo.

Já na aprendizagem significativa, conceituada por Moreira (1999, 2006), trata de um processo que, para ocorrer, é necessário que o aluno obtenha uma nova informação de forma substantiva e não arbitrária. Pode-se destacar tal conceito a partir de Ausubel (*apud* Moreira, p. 19) quando ele define que,

“a essência do processo de aprendizagem significativa é que as ideias simbolicamente expressas sejam relacionadas, de maneira substantiva (não literal) e não arbitrária, ao que o aprendiz já sabe, ou seja, a algum aspecto de sua estrutura cognitiva especificamente relevante [...]”.

Nesse sentido, o aluno em sala de aula, tem a oportunidade de em momentos de atividades propostas pelo professor, conhecer sobre um conteúdo. Ao realizar determinada atividade, ou durante uma discussão mediada pelo professor, pois de acordo com a teoria, para o aluno ter um novo conhecimento sobre determinado assunto, ele precisa interagir o conceito que foi aprendido com aquilo que ele já sabe.

Para aprender um conceito científico é necessário, então, relacionar o conceito que o aluno já tem sobre o que está sendo estudado e aquilo que o professor está acrescentando sobre este conceito. Torna-se, significativo para o aluno, portanto, aquele conteúdo que, de certa forma, já pertence à sua estrutura cognitiva.

Inicialmente, a estrutura cognitiva é desenvolvida durante a formação de um conceito pela criança, para posteriormente ser relacionado a um novo conceito explicado pelo professor. O facilitador da aprendizagem seria, no caso, aquele conteúdo familiar para o aluno e a contraposição que ele próprio faz, entre o seu conceito comum com aquele que é explicitado pelo professor como conceito científico. Moreira (2006, p.25) define que,

“a aprendizagem de conceitos é, de certa forma representacional, pois conceitos são, também, representados por símbolos particulares, porém são

genéricos ou categóricos já que representam abstrações dos atributos dos objetos”.

Em uma sala de aula, quando vamos ensinar um novo conceito para a turma, os alunos perceberão o conceito e o assimilarão de acordo com aquilo que eles já sabem. Apesar da aprendizagem ocorrer de forma representacional, não significa que haja necessidade de aprender através somente de objetos. A representação simbólica pode utilizar várias categorias, como o próprio autor coloca. Essas categorias podem ser simbólicas por palavras, expressão e até sentimentos. Por isso também o ensino não acontece de forma uniforme, onde todos terão a mesma ideia sobre um mesmo assunto. É necessário aproximar o conceito com a realidade deles para o conteúdo se tornar significativo e possível de realizar uma associação real, ou seja, algo que esteja vinculado com algo próximo deles para após ser formulada uma representação. Sobre isso, Ausubel afirma que,

“para todas as finalidades práticas, a aquisição de conhecimento na matéria de ensino depende da aprendizagem verbal e de outras formas de aprendizagem simbólica. De fato, é em grande parte devido à linguagem e à simbolização que a maioria das formas complexas de funcionamento cognitivo se torna possível. (apud Moreira, 1999,p. 95)

Essa representação, na aprendizagem de conceitos, no caso de estudo do lugar, é a visualização concreta daquilo que foi ensinado (o abstrato) com aquilo que já é real para o aluno (o concreto).

Para saber se o aluno está tendo uma aprendizagem significativa, pode ser realizada, segundo Ausubel (apud Moreira, p. 28), a formulação de questões e problemas que trazem o conceito aprendido em um cenário diferente e distante do aluno, a fim de saber se dentro do contexto apresentado, o educando é capaz de perceber o que foi aprendido dentro da situação apresentada. No ensino do lugar, podemos também verificar a aprendizagem significativa quando o aluno além de perceber e reconhecer, também avaliar e, dependendo da situação propor algo relacionado.

Entretanto, deve-se ressaltar que a aprendizagem significativa não é o mesmo que a aprendizagem mecânica (Moreira, 2006, p.16) de conceitos, onde a memorização torna-se a principal metodologia e as novas informações são aprendidas praticamente sem interagem

com os conceitos já formulados pelos alunos, ou seja, existentes em sua estrutura significativa.

Ao relacionar as duas teorias que norteiam a aprendizagem do lugar por meio de conceitos geográficos, experiências e conhecimento dos próprios alunos encontram alguns mecanismos que justificam a união da aprendizagem significativa com a teoria sócio-histórico-cultural. Como por exemplo, a interação social, a valorização do conhecimento prévio do aluno para a construção de um novo conceito que pode ser apropriado por meio de interação na visão Vygotskyniana e assimilação na visão Ausubeliana.

Distrito Federal

Para explicar o surgimento da capital federal desde sua construção até a sua organização política e econômica, encontramos várias teorias que justificam sua nomenclatura até sua divisão espacial. Para ensinar alunos do ensino fundamental sobre o lugar no Distrito Federal, acredita-se ser necessário explicar de acordo com aquilo que está previsto na Constituição Federal de 1988 e a Lei Orgânica do Distrito Federal, bem como teóricos que estudam e apresentam esta unidade federativa de acordo com aquilo que está expresso na Lei. No entanto, deve-se levar em consideração também as estratégias que facilitam o ensino sobre o lugar “Distrito Federal” para crianças da educação básica.

Para isso ressalta-se a importância de estabelecer uma teoria que esteja de acordo com aquilo que está mais próximo não só da realidade do aluno, como também valorizar o lado pedagógico do ensino sobre o lugar. Neste trabalho, defende-se que, para o ensino do lugar nas escolas do Distrito Federal deve ser valorizado o espaço que o aluno conhece, como também o espaço que vive. Assim, como ponto de partida, torna-se necessário estabelecer algumas considerações, breves, sobre a história e construção da nossa capital.

O Distrito Federal é o território que abriga Brasília, capital do país e foi construída a partir de estudos minuciosos para a escolha de sua localização. Essa escolha, porém data desde o século XIX. De acordo com Carpintero,

“A primeira Constituição republicana, de 1891, estabelecia a mudança da Capital para o Planalto Central do Brasil. Em 1892, o governo do presidente

Floriano Peixoto, incumbiu Luiz Cruls⁴, de chefiar uma comissão para delimitar uma área para nela ser criado o Distrito Federal e construída a nova capital”. (2003, p.2).

Apesar da construção e localização da nova capital estar prevista na Constituição, ela esteve localizada nas cidades de Salvador/BA e Rio de Janeiro/Guanabara. A segunda capital do país era considerada, na época, uma cidade muito desenvolvida, rica e estratégica do ponto de vista comercial, pois ali estavam os maiores portos do país, de incontestável importância no contexto da comercialização. No entanto a cidade não era uma das mais favoráveis para abrigar a capital do país, já que

“a cidade apresentava um desenho urbano e uma arquitetura pouco apropriadas ao exercício das tarefas políticas e administrativas do país tais como: dificuldades de circulação em ruas estreitas, ausência de dignidade para alguns edifícios e precárias condições de segurança que se ofereciam ao governo da República” (Carpintero, 2003, p. 2).

A partir de estudos realizados, notou-se que no Planalto central havia mais condições de abastecer uma população. Além de ser um plano estratégico para aproximar as regiões mais distantes e poder desenvolvê-las. Segundo Peluso, “a integração nacional era vista, também, sob o ponto de vista geopolítico da época, em que se retomou a tese da centralidade como uma integração política” (2006, p. 47). Então, em 1954, Getúlio Vargas, presidente do Brasil naquele ano, contratou empresas para avaliar o terreno e selecionar possíveis sítios para a construção de Brasília. Após a morte de Getúlio Vargas em 1955 e início de novas campanhas eleitorais, o então candidato Juscelino Kubitschek, prometeu a construção e mudança da capital federal. Após ganhar as eleições Kubitschek,

“tomou logo as providências para esse fim. Em abril de 1956 mandou ao Congresso projeto de lei criando uma *Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil - NOVACAP*, para executar a tarefa. Em maio nomeou novos membros para a Comissão de Mudança que, em julho, começou a preparação do concurso. Em setembro o presidente sancionou a lei e fez publicar o *Edital*

⁴ - Luiz Cruls, belga, diretor do Observatório Nacional do Rio de Janeiro.

de Concurso para o Plano Piloto da Nova Capital do Brasil” (Carpintero, 2003, p. 3P).

Inicialmente, o plano idealizou apenas a capital Brasília para funcionários públicos e aqueles que ajudaram na sua construção deveriam voltar para suas cidades. Tanto que seus alojamentos ficavam distantes e a única opção de lazer e comércio estava localizada na cidade livre e invasões. No entanto, quando a capital foi inaugurada os pioneiros que ajudaram na construção não foram embora e outras pessoas também vieram morar na cidade. Assim, começou a crescer o número de invasões e ocupações de famílias de baixa renda à procura de oportunidades. Tendo em vista que o governo não havia se organizado para receber os novos migrantes e muito menos ter espaço para alojá-los, foi preciso transferir estes moradores para lugares distantes de Brasília. Assim iniciou-se um processo de aglomeração de periferias ao redor da capital, posteriormente consolidadas como núcleos urbanos denominados Cidades Satélites⁵.

Com o crescente número de cidades-satélites viu-se necessária uma maior atenção ao desenvolvimento dessas. Desse modo, por meio da Lei Federal nº 4.545, em 1964, foram criadas as Regiões Administrativas do Distrito Federal, a fim de que o houvesse descentralização administrativa e seu desenvolvimento socioeconômico. De acordo com Lassance,

“regiões administrativas são áreas territoriais do DF. Seus limites físicos estabelecidos pelo Poder Público, definem a Jurisdição da ação governamental regionalizada, para fins de descentralização administrativa e coordenação dos serviços públicos de natureza local. Essa ação é exercida por intermédio de cada Administração Regional” (2002, p. 19).

Em 1993, o art. 10 da Lei Orgânica do DF ratifica a criação das Regiões Administrativas, sendo considerada Brasília a RA I. A partir de então, consideraremos que o DF é uma única unidade federativa dividida em pequenos territórios que possuem sua própria história, características e representante para com o governador do DF, pois de acordo com o art. 11 da LODEF, “as administrações regionais integram a estrutura administrativa do Distrito Federal”. Ou seja, apesar de estarem separados fisicamente, todas estão subordinadas à

⁵ Eram assim chamadas, pois dependiam economicamente de Brasília e a maioria dos moradores dessas cidades trabalhavam na capital e voltavam para casa apenas para dormir.

administração direta, ao governador do DF, sendo que até suas criações ou extinções ocorrem apenas mediante lei aprovada por deputados distritais.

Com a separação de Brasília das demais RA's, e exposto no art. 1º da CF 88 que “Brasília é a Capital Federal”, houve certa confusão, por parte da população em saber como de fato é a divisão política e administrativa do DF. O que ocorre é que na Lei Complementar nº17/97 o art. 1º explicita que,

“O Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal – PDOT é o instrumento básico da política territorial de orientação aos agentes públicos e privados que atuam na produção e gestão das cidades e do território do Distrito Federal”.

Nesse sentido, podemos inferir que é plausível considerar que cada Região Administrativa pode ser considerada uma cidade do território do Distrito Federal.

No que tange ao ensino sobre o lugar, tal lei é importante para o estudo do DF, pois de acordo com a história, população e economia, existem algumas peculiaridades no território da capital e as demais RA's. Hoje são 30 Regiões Administrativas e algumas delas tem uma parcela significativa da população que trabalha em Brasília, caracterizando em alguns casos, a existência de cidades dormitórios. No entanto, existem outras, como no caso de Taguatinga, que são independentes de Brasília para economia, comércio dentre outras atividades em geral.

Portanto, considera-se que apesar de o DF não ter municípios e o ensino estar frequentemente voltado para o lugar Brasília, os alunos precisam conhecer e estudar o lugar de sua cidade, com sua própria história, organização e peculiaridades para saber valorizar seu espaço e sua importância dentro do todo, no caso o Distrito Federal.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica

Por tratar-se de conteúdos subjetivos, necessitando de análises individuais, o trabalho segue uma natureza qualitativa, ou seja, uma interpretação dos dados coletados durante a pesquisa, e participante, pois o pesquisador e pesquisados tiveram contato durante todo o processo de construção dos objetos de estudo, com intervenções, proximidade durante o período de convivência e envolvimento dos pesquisados com os resultados alcançados.

A pesquisa qualitativa na educação começou a ser disseminada na América Latina com maior credibilidade a partir da década de 70, quando os resultados quantitativos, baseados no método positivista, já não davam conta de explicar realidades escolares e fenômenos sociais. No caso da pesquisa em educação, os resultados necessitavam de intervenções e estratégias para a mudança do sistema de ensino. Com isso, a pesquisa qualitativa baseada na dialética e enfoques teóricos passou a se utilizar de novas metodologias para compreender e analisar a realidade (Triviños, 1994).

Na pesquisa qualitativa, o campo de estudo é mais abrangente e menos rígido, o que traz possibilidades para a interpretação de dados de acordo com estudos anteriormente feitos sobre o mesmo assunto. Essa correlação que pode ser feita entre os resultados de uma pesquisa anterior com novas teorias ajuda o pesquisador a ter mais condições para refutar ou não resultados anteriores. No entanto, a pesquisa qualitativa na educação, enxerga o grupo pesquisado como sujeitos, levando em consideração também as singularidades de cada grupo. O que pode ser considerado um ponto positivo na pesquisa, quando se trata de contexto educacional.

Entretanto, isso não significa que o estudo foi realizado de forma superficial ou aleatória. Foram seguidos critérios da pesquisa qualitativa para o presente trabalho: ele foi realizado no ambiente escolar dos sujeitos da pesquisa, para que os participantes se sentissem à vontade e não fizessem a atividade de forma artificial; houve o registro descritivo das ações realizadas pelo pesquisador e pesquisados, a fim de descrever os fatos ocorridos para posteriormente serem analisados.

A partir dessas observações, houve um acompanhamento do processo como um todo, para compreender a construção da atividade, bem como as dificuldades e facilidades no decorrer da investigação. Dessa forma, o trabalho também se caracteriza como uma pesquisa participante, onde a construção do objeto de pesquisa trouxe reflexões para os alunos pesquisados aprenderem junto com a construção do objeto de pesquisa. Nesse sentido, podemos definir a pesquisa participante como “uma proposta metodológica inserida em uma estratégia de ação definida, que envolve seus beneficiários na produção de conhecimentos”. (Gabarrón & Landa, *apud* Brandão, 2006, p.113).

Esta pesquisa trabalha a partir dos conhecimentos produzidos pelos participantes, com o auxílio do pesquisador, onde ao buscar uma notícia, informação, ou explicação sobre determinado lugar, o pesquisado troca conhecimentos com outras pessoas que vivem ali. Dessa forma, cria-se a possibilidade compartilhar olhares diferentes sobre um mesmo assunto e paralelamente se envolver com o que é apresentado, construindo reflexões sobre uma determinada informação. Com isso, chegamos a um complemento da definição da pesquisa participante onde acredita-se que:

“O ponto de origem da pesquisa participante deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e sua dinâmica. Deve-se partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações” (Brandão 2006, p. 41).

Podemos, portanto, inferir que o contexto da própria pesquisa coloca o lugar concreto do aluno como referência para o trabalho realizado. Portanto, a participação e observação do pesquisador no cotidiano da sala de aula com os alunos, durante os últimos meses do ano letivo no 4º ano e início do 5º ano do ensino fundamental, atestam a relação de proximidade entre pesquisador e pesquisados. Tal fato contribuiu com as discussões realizadas sobre o andamento do trabalho e valorização das especificidades de cada um dos sujeitos.

Pode-se então concluir, que o presente trabalho está inserido no contexto da pesquisa qualitativa e participante, uma vez que os resultados são mais amplos e com interpretação baseada nos referenciais teóricos. Corroboram com isso o fato modo pelo qual os alunos apresentam o seu lugar e evidenciam sua representação.

A escolha da escola e dos participantes

A pesquisa foi realizada na Escola Classe/EC 114 sul e sua escolha se deu pelas seguintes razões: localização da instituição, diversidade de alunos, abertura da escola para receber a proposta, possibilidade para acompanhamento e observações de uma turma que estava estudando o conteúdo do DF, além da facilidade de horário para ministrar as aulas.

Para trabalhar com referenciais diversos de localização, bem como semelhanças e diferenças, a E.C. 114 Sul mostrou-se favorável às condições para a investigação que seria realizada. Por se tratar de uma escola com alunos que residem em lugares distintos e com condições econômicas diferentes, a possibilidade de perceber como cada um deles enxerga o seu lugar seria maior. Assim, no que se refere ao Distrito Federal, será considerada a diversidade de Regiões Administrativas onde os alunos moram e suas respectivas especificidades.

Neste trabalho buscou-se dos alunos o interesse em participar ativamente, junto com o pesquisador, mediante troca de informações sobre seus lugares. Participaram da pesquisa um total de 29 alunos, sendo 14 meninos e 15 meninas. Desses alunos, 3 participantes são deficientes auditivos. Na turma não havia aluno com reprovação no histórico e possuíam faixa etária entre 9 e 11 anos.

As Regiões Administrativas contempladas foram Brasília, Águas Claras, Candangolândia, Ceilândia, Cruzeiro, Guará, Itapoã, Park Way, Recanto das Emas, Samambaia, Santa Maria, Riacho Fundo II, e Taguatinga, além do município Valparaíso de Goiás e o distrito Jardim Ingá, localizados no Estado de Goiás e que fazem parte do entorno do DF.

Instrumentos da pesquisa

A construção de um jornal individual como principal objeto de pesquisa, apresentou-se favorável à realização do trabalho, pois contribuiu para cada aluno participar ativamente das propostas feitas pelo pesquisador e conseqüentemente, participar do projeto, colaborando com seus conhecimentos sobre o assunto. Assim, durante a construção do jornal, todos os alunos foram peça fundamental nas relações de troca de informações sobre o seu lugar com os demais alunos, tanto sobre o aquilo que é desconhecido como o familiar.

O jornal, elaborado pelos alunos durante a pesquisa, foi aproveitado como um recurso para investigar com são explicitadas notícias e conceitos sobre suas cidades, a partir de informações por eles coletadas. Com os dados obtidos, encontramos algumas interpretações que nos levou a perceber se os alunos têm um sentimento de pertencimento e valorização pelo lugar onde mora, além da apropriação relativas aos conceitos que foram trabalhados na elaboração do jornal.

Tendo em vista que o objeto de estudo desta pesquisa é o conteúdo relatado pelos alunos, no jornal produzido por eles, as mediações e intervenções foram realizadas com base no texto jornalístico. Assim, as explicações estão voltadas para o tipo de trabalho e não para o conteúdo escrito. Houve, portanto, uma liberdade para o pesquisado escrever de acordo com seu entendimento sobre o assunto de cada tópico.

Além disso, tal instrumento de pesquisa possibilitou verificar, também, o que os alunos conhecem sobre o conteúdo do lugar, concomitantemente com a motivação da elaboração de um trabalho interdisciplinar que estimulou a leitura, escrita e autonomia do aluno, que precisou buscar uma notícia sobre seu lugar de moradia.

Nesse contexto, parte-se do pressuposto que o jornal é um meio de comunicação que tem como objetivo informar o leitor sobre notícias globais e/ou locais. Para isso usa recursos próprios para disseminar uma informação, além de escrever o texto com objetividade e neutralidade.

Inicialmente, como coloca Vânia Pessoa, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura /SMEC de Salvador,

“é importante que o trabalho com o jornal seja iniciado a partir da exploração de sua forma. Tendo contato com o material, conhecendo suas partes, sabendo onde buscar o assunto de interesse, o estudante achará a leitura de jornal mais fácil e atraente” (pág.3, 2011).

Nesse sentido, o trabalho realizado durante as primeiras aulas de regência estavam vinculadas com a familiarização entre o jornal e os alunos da turma. Assim, iniciou-se a pesquisa com atividades próprias para o conhecimento e aproximação do aluno com o instrumento de pesquisa. Tais atividades contribuíram para o aluno não encontrar dificuldades

quanto à linguagem do jornal, partes que o compunham e tipos de notícias. No entanto, alguns tópicos do jornal foram adaptados, a fim de facilitar o manuseio e entendimento do aluno com o trabalho e levar tal recurso para realidade deles.

Como o objetivo desta pesquisa é buscar e analisar as informações que os alunos têm sobre o lugar que moram e realizar o trabalho de maneira lúdica e pedagógica, o jornal teve um papel de ligação entre o trabalho feito pelos alunos e a finalidade da pesquisa. Acredita-se que o jornal consegue articular diferentes conteúdos num mesmo trabalho, integrando o desenvolvimento oral (através da leitura), visual (com imagens, charges e publicidade) e motor, como a escrita. Dessa forma, dentro do próprio contexto educacional, o jornal se destacou no sentido de motivar cada um dos alunos a buscar informações sobre o lugar onde moram. De acordo com Elias,

“o jornal, pelo caráter amplo de suas notícias, pode prestar-se, de maneira bastante significativa, para um trabalho multidisciplinar onde, a partir de uma temática, as várias disciplinas se reúnem para estudá-la de modo mais articulado e que supere a fragmentação do processo de conhecimento” (p.16, 2011).

O jornal como recurso didático pode ser utilizado dentro de um contexto específico nas disciplinas ou como um conteúdo próprio a ser analisado. Neste trabalho o jornal foi tratado como um recurso pedagógico voltado para assuntos da área de Geografia, para o ensino do lugar no Distrito Federal. Seus assuntos variados expressam interdisciplinaridade, o que permite a integração dos conteúdos de português, história, geografia e matemática.

Portanto, através do jornal, os alunos tiveram a oportunidade de trabalhar com disciplinas variadas e ao mesmo tempo centradas em assuntos relativos ao DF. Nesse sentido, os alunos coletaram as informações consideradas interessantes sobre sua cidade e que deveriam estar voltadas ao conteúdo do tópico estudado naquele momento. Desse modo, por meio dessas informações, eles identificaram o lugar com a sua realidade, transformando a informação em notícia ou propaganda sobre sua própria cidade.

Após a realização dessa atividade iniciou-se a roda de discussão para compartilhamento das notícias. Nessa dinâmica, todos os alunos tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a cidade do colega, com a possibilidade de reflexão e

comparação entre as várias RA's, por meio da identificação de diferenças e semelhanças, pontos negativos e positivos de cada lugar, Nas notícias coletadas e discutidas, o pesquisador mediou os debates com perguntas que orientaram a reflexão crítica dos alunos sobre determinadas questões. Tal procedimento de mediação promoveu a conquista de autonomia dos alunos, que pode ser observada, mais tarde, na exposição dos resultados finais, quando as crianças que concluíram o projeto demonstraram segurança, independência e juízo de valor sobre os conteúdos apresentados em seu jornal. Segundo Elias,

“essa crítica se constrói mediante o exercício da própria crítica. E não surge já na forma de uma avaliação já criteriosa, científica, fundamentada. À medida que os alunos, analisam, comparam, dão sua opinião, escolhem (de acordo com seus próprios critérios)..., eles estão aprendendo a criticar. E isso pode começar desde sempre” (pág.14, 2011).

Buscou-se, desde o início das intervenções, a expressão do aluno e seu posicionamento pela notícia que ele estava divulgando para o restante da turma. Com isso pretendia-se investigar como o aluno se apropriava do seu lugar de moradia e se manifestava algum sentimento de pertencimento a esse. Desse modo, a pesquisa realizada trabalhou com a autonomia do aluno, a relação do lugar do DF e a importância de suas cidades, por meio de conceitos que integram o currículo de Geografia e que são vivenciados cotidianamente pelos alunos: lazer, qualidade de vida e pontos turísticos.

Procedimentos para a realização da pesquisa

A pesquisa ocorreu no início do ano letivo de 2011 na Escola Classe 114 sul, durante oito aulas, dividida em duas etapas, com duração média de três horas cada uma. As aulas integravam o desenvolvimento da pesquisa que contou com aulas expositivas e outras destinadas para a construção do jornal. A primeira etapa teve o objetivo aproximar os alunos do jornal, recurso metodológico utilizado durante todo o procedimento de pesquisa. Para atingir tal objetivo foram utilizadas as três primeiras aulas. O restante da intervenção e procedimentos foram voltados para a produção dos alunos, discussão e reflexão coletiva sobre os trabalhos e fechamento do conteúdo.

Inicialmente, para as três aulas, foram utilizadas aulas expositivas, discussão em grupos, discussão com toda a turma, elaboração de uma ficha de sistematização do conteúdo,

elaboração de um texto jornalístico fictício e discussão das conclusões sobre o assunto. Todas essas atividades estavam voltadas para a familiarização do aluno com o jornal, sua identificação com as partes que o compõem e gênero de escrita. Para a realização de tais procedimentos, fez-se necessário aproximar o aluno do recurso didático por meio dos procedimentos descritos abaixo:

1º Dia:

- Apresentação da proposta – cada aluno elaborar seu próprio jornal.
- Divisão da turma em 6 grupos, sendo alunos com perfis diferentes.
- Os alunos, responderem o que é um jornal. Respostas: Fonte de conhecimento; Notícias; Informação do mundo; ídolos; Notícias exclusivas de jornal; Novidade; Aviso; Novelas; Futebol; Política; Esporte; Polêmica; Humor; Divertir;

• Cada grupo escolheu um jornal completo ou caderno para manusear, investigar e discutir. Dentre as opções encontravam-se os seguintes jornais: Correio Brasiliense, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Valor Econômico, Tribuna do Brasil e Jornal de Brasília.

- Perguntas para os grupos responderem:

-O que compõe um jornal?	Investigação dos alunos acerca do material.
-O que tem na capa?	Identificação das principais características.
-O jornal está dividido?	Assuntos; sessões; cadernos.
-Qual é a notícia principal?	Notícia de capa; considerada como importante; chamativa.
- Qual é a data?	Quanto tempo tem a publicação; período que jornais podem ser publicados.
A notícia é local ou nacional?	Se interessa apenas moradores do DF ou o Brasil todo.
- Quem do grupo recebe jornal em casa?	Identificação de quem já está conhece o recurso.
- Em quais outros meios de comunicação sabemos as notícias?	Outros recursos que também informam.

Tabela 1:Perguntas sobre o jornal.

- Apresentação de cada grupo para a turma sobre o que foi identificado nos jornais manuseados.
- Apresentação dos jornais “Tribuna do Brasil” e “Jornal Brasília” – com notícias sobre a RA de Águas Claras e a cidade Valparaíso de Goiás.

Para iniciar o trabalho, a primeira aula realizada tentou instigar perguntas voltadas para a definição de um jornal pelos próprios alunos. Suas respostas foram anotadas no quadro do professor pelo pesquisador e por eles em uma folha. Somente em seguida o jornal foi apresentado para os alunos.

Durante este trabalho verificou-se que, apesar dos jornais estarem completos, com todos seus respectivos cadernos, as crianças manifestaram interesse em apenas um caderno ou notícia específico. Nesse sentido, o caderno de esportes foi aquele que mais despertou curiosidade e atenção das crianças. Além disso, a 1ª página do jornal também motivou o interesse pela leitura de uma reportagem. Assim, considerando que a leitura da reportagem é apenas uma das etapas a ser conhecida pelos alunos, não houve restrições durante a investigação do material, e nem foi demandado o que deveria ser feito com o jornal.

2º Dia:

- Sistematização da aula anterior.

Em uma folha avulsa os alunos registraram e organizaram o que foi estudado, organizado, aprendido, verificado, questionado e concluído na aula anterior. Para isso, foi elaborado um guia a ser utilizado durante todo o processo de construção do jornal, como pode ser verificado na figura abaixo.

Brasília, 24/02/11

Aluno: Matheus Gonçalves

Sistematizando a aula

é um meio de comunicação

Jornal: (le) diário, recebe por dia

Internet: (le)

televisão: (escute)

telefone: (celular ou fixo), (escute)

Rádio: (escute)

carta: (le)

fala: (escute)

Revista: (le)

jornal local: fala sobre o lugar
informação importante para quem
more no lugar ou alguém que interesse
pelo lugar.

jornal nacional: fala sobre o mundo
informações importante para o
mundo todo.

O jornal pode trazer assuntos
de frente contendo ou sobre o
mesmo tema.

Exemplo:

valor econômico | economia | finanças |

folha de São Paulo assuntos diversos |
dividido em cadernos |

Figura 1: Primeira página da atividade de sistematização, que serviu de guia durante o processo de construção do jornal.

S	T	Q	Q	S	S	D
□	□	□	□	□	□	□
L	M	M	J	V	S	D

Partes do jornal

* capa -> manchete título principal tem as letras maiores.

* Nome do jornal

* Data do jornal

* Editorial

* Imagem

* legenda: explica a ilustração

* expediente: identificação de quem escreveu o jornal

* Resumo da notícia

* notícia: o objetivo da notícia é passar uma informação importante para seus leitores. Pode trazer ou não a opinião de quem escreveu a notícia. A notícia deve ser verdadeira.

↳ acontecer de verdade ser verdadeiros.

o que deve conter no texto da notícia. Quem é o personagem da notícia, pode ser mais de um, pode ser

Figura 2: Segunda página da atividade de sistematização, que serviu de guia durante o processo de construção do jornal.



matheus goncalves

uma pessoa ou lugar!

↳ O relato que aconteceu

↳ Quando aconteceu

↳ Explicar como aconteceu.

↳ Por quê?

↳ Motivos

↳ Consequências

* Conclusão



Figura 3: Terceira página da atividade de sistematização, que serviu de guia durante o processo de construção do jornal.

Na sequência dessas atividades, houve a atuação do pesquisador que buscou construir, com os alunos, o conhecimento relativo àqueles conceitos jornalísticos de um modo simples e condizente com o vocabulário das crianças. Nesse sentido, foram selecionados os termos mais simples, passíveis de compreensão e eliminados aqueles considerados técnicos, complexos e com duplo sentido.

É importante ressaltar que a participação das crianças foi determinante para a implementação das atividades planejadas, uma vez que elas não somente perceberam os assuntos que seriam trabalhados no jornal que construiriam como também contemplaram os alguns deles durante as exposições.

3º Dia:

- Leitura e contextualização de um texto jornalístico – “Os três porquinhos”.⁶

Foi realizada uma leitura coletiva do conto “Os três porquinhos”. Em seguida foram levantadas perguntas acerca de informações que aparecem em um texto jornalístico, a fim dos alunos perceberem que por meio do conto, era possível transformar a história em um outro gênero de texto. Os tópicos que deveriam aparecer no texto seguem abaixo:

- Quem é o personagem (pode ser mais de um, pode ser uma pessoa ou lugar).
- O relato do que aconteceu.
- Quando aconteceu.
- Explicar como aconteceu.
- Por que aconteceu.
- Motivos.
- Consequências.
- Conclusão.

Ao finalizar essas três aulas, iniciou-se a segunda etapa da pesquisa com o conteúdo sobre a Região Administrativa dos alunos. Para isso foram utilizadas cinco aulas voltadas para a construção do jornal, elaboração dos textos e discussões coletivas com a turma, a fim de que todos tivessem a oportunidade de partilhar, questionar, refletir e comparar as semelhanças e diferenças percebidas.

⁶ Foi escolhido o conto dos Três Porquinhos, por se tratar de uma história que contempla os aspectos que seriam trabalhados no texto jornalístico pelos alunos, sua facilidade de compreensão e identificação dos itens que aparecem em textos jornalísticos.

Para tanto os alunos escreveram sobre onze atividades diferentes, que buscaram conciliar entre si informações sobre o lugar do aluno. Essas atividades foram divididas em:

- uma notícia importante e sobre qualquer assunto;
- lazer;
- transporte;
- entrevista com um morador;
- alimentação;
- recado para as autoridades;
- classificados;
- guia turístico;
- mapa; e
- propaganda.

Todos os tópicos deveriam trazer o assunto voltado para a RA dos alunos. Portanto, as cinco aulas seguintes foram divididas de modo que todos os alunos pesquisassem, escrevessem e discutissem sobre um mesmo assunto. Sendo assim a primeira aula buscou vincular os estudos anteriores com a elaboração de uma notícia que o aluno deveria ter trazido de casa sobre sua cidade. Para tanto, ao pensar no desenvolvimento e construção de pensamento e conceitos dos alunos, as atividades foram todas feitas inicialmente em uma réplica do jornal em tamanho A4 para posteriormente, ao final das aulas de intervenção, serem entregues as páginas em tamanho original (A3).

Tal estratégia foi pensada para que durante todo o processo de aprendizagem, pautado pelas atividades acima enunciadas e pela medição feita nessas ocasiões, o aluno pudesse ter a oportunidade de repensar o seu lugar e buscar outras informações mais relacionadas/próximas ao conteúdo. Dessa forma, o acompanhamento da evolução do aluno, ao longo do processo de intervenção didática permitiu verificar como os alunos iam construindo os conceitos, aprimorando-os após cada mediação. Assim, em cada momento de reelaboração do texto escrito, ou do desenho feito, foi possível constatar a aprendizagem e o amadurecimento sobre determinado conceito ou situação.

No início do trabalho foi apresentada a folha A3, versão final que eles escreveriam o jornal. Em seguida, foi entregue a folha que pode ser considerada aqui como um rascunho do aluno acerca do texto da notícia. Com isso, foi realizada a elaboração da primeira parte do jornal, contemplando as seguintes partes: o nome do jornal⁷, título da notícia, ilustração da notícia, legenda da ilustração e o texto da notícia.

Na segunda aula reservada para o jornal, os alunos escreveram e desenharam sobre a alimentação do lugar deles. De acordo com o relatório de atividades do estágio supervisionado,

“Tentei explicar o que deveria ser feito e para isso utilizei uma situação hipotética. Uma pessoa está conhecendo Taguatinga e como já estava andando muito tempo queria parar em algum lugar para comer, para isso ela olha o jornal. Se esse jornal fosse o que você está fazendo. Qual o lugar que você indicaria que tem perto da sua casa para a turista comer. Expliquei que eles deveriam dar uma notícia sobre o estabelecimento, falar sobre a lanchonete ou restaurante, por exemplo, o nome, por que você indica esse lugar, qual é o melhor prato, você pode escrever o seu favorito, e fica perto ou longe da sua casa. Falei que podia ser o mercado, o quiosque, a padaria, ou restaurante, algum lugar que eles gostem de comer e explicar, como se fosse uma propaganda elogiando pra turista ficar com vontade de dar uma passadinha lá” (Borges, 2011).

Durante esse mesmo dia, alguns alunos que já haviam terminado de escrever sobre a alimentação, iniciaram o texto da coluna “Recado para as autoridades”. O texto para as autoridades deveria ser escrito como se fosse uma carta para o responsável pela RA do aluno. Foi explicado que o texto poderia conter uma reclamação, sugestão ou elogio sobre a cidade.

A terceira aula iniciou com a apresentação do que já havia sido realizado até o momento. Nessa oportunidade, alguns alunos se voluntariaram para participar da atividade, fazendo a leitura da notícia da sua cidade para os demais colegas e em seguida abrindo espaço para comentários. Na sequência foi feita a mesma exposição sobre o quadro “Recado para as autoridades”. Importante destacar que por ocasião dessas leituras, os próprios alunos

⁷ Foi explicado que o nome do jornal deveria ser o nome da cidade onde o aluno mora.

comparavam suas cidades, identificavam semelhanças e diferenças entre problemas que se enunciavam e manifestavam juízo de valor sobre os fatos.

Nesse mesmo dia houve a elaboração dos classificados e propaganda. A propaganda esteve voltada para produtos alimentícios, onde os alunos poderiam recortar e colar produtos e respectivos preços, com base em panfletos distribuídos em sua cidade ou desenhar e escrever o preço dos alimentos. Nos anúncios classificados, os alunos deveriam identificar serviços prestados perto de suas casas como, por exemplo, cabeleireiro, padaria, escola, entre outros. Além disso, deveriam explicar onde encontram os serviços, por meio do endereço ou algum ponto de referência.

A finalização das atividades do dia foi assinalada por meio de um “Dever de Casa”. Desse modo os alunos deveriam entrevistar moradores conhecidos ou não, tomando por base as seguintes questões:

- Qual seu nome? (Se for parente colocar na entrevista)
- Quantos anos você tem?
- O que faz, qual o seu trabalho?
- Há quanto tempo mora na cidade?
- O que tem de bom (na cidade)?
- O que tem de ruim (na cidade)

A quarta aula esteve voltada para explicar para os alunos as sessões sobre lazer, transporte e ponto turístico. Para isso foi questionado o que eles consideravam lazer e de acordo com o Relatório de Atividades do Pesquisador, consta que para as crianças lazer,

“era quando eles brincavam, questionei se os adultos que não brincavam também tinham um tempo para o lazer e eles disseram que os adultos tinham lazer quando não estavam no trabalho” (Borges, 2011).

Então, ficou acordado que, no jornal a parte sobre o lazer deveria ser destinada para os alunos desenharem e escreverem sobre o lazer que eles têm, perto de onde eles moram.

Em relação ao transporte, os alunos deveriam desenhar e responder as seguintes perguntas abaixo da ilustração do mesmo:

- Você conhece o sistema de transportes de onde mora?
- Qual é o meio de transporte que você usa para chegar na escola?
- Ele é o melhor? Por quê?
- Ele é o pior? Por quê?

Por fim, foi explicado sobre o ponto turístico da RA dos alunos. Para isso consta no relatório de atividades que o pesquisador tentou,

“explicar que aquele espaço era destinado para eles desenharem um ponto turístico, um lugar bonito da cidade que eles moram para ser visitado. Por exemplo, um lugar que eles achassem que um turista deveria conhecer se passasse por lá. Com isso, mostrei para a turma uma parte do Jornal “Correio Brasiliense” que tem um quadro chamado “Isto é Brasília” mostrando pontos turísticos às vezes até desconhecidos para serem visitados no Distrito Federal” (Borges, 2011).

Ao final de todas essas atividades, ainda faltava realizar o mapa que mostrava o caminho feito por eles de casa até a escola. Tal atividade foi realizada em casa e entregue no dia seguinte, pois, ainda era necessário utilizar as aulas para partilhar entre os alunos o que eles aprenderam e apresentar o jornal de cada um para os colegas da turma.

As intervenções e processo de construção do jornal terminaram quando, no dia da entrega, foi feita uma roda no centro da sala e uma dinâmica onde todos os alunos, os que levaram ou não o trabalho, participaram. Quando todos já estavam organizados, foi explicado q seriam batidas palmas durante um determinado tempo. Quando essas cessassem, o jornal deveria ser passado para o colega do lado, no sentido horário. Foi ressaltado que eles deveriam observar que alguns ficariam sem receber, pois nem todos concluíram o trabalho.

Ao terminar de bater as mãos, foi solicitado aos alunos que estavam sem jornal, que o acompanhassem com o colega do lado. Após 40 minutos, destinados à leitura e observação do jornal dos colegas, foi solicitado que fossem identificados os itens diferentes, em relação ao seu próprio jornal. Durante as apresentações, foram feitas considerações pelos próprios alunos e mediações por parte da professora/pesquisadora. Nesse processo constatou-se a descontração da turma, a liberdade entre os colegas para expressar sua própria opinião, a explicação do autor do jornal, caso o colega falasse algo diferente do que ele havia pensado

quando escreveu. Por fim, como o tempo foi insuficiente para a elaboração de editorial e desenho de logomarca, foi solicitado *feedback* sobre o processo de criação de um jornal

Este foi um momento prazeroso, de muita gratificação, por possibilitar ao pesquisador a constatação de uma experiência caracterizada pelo entusiasmo por parte dos alunos, notadamente pela oportunidade de criação algo diferente, que valoriza seus saberes e lugares e distanciava-se das práticas tradicionais de ensino, baseadas nos livros didáticos.

ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa realizada trabalhou, com os alunos, onze assuntos⁸ diferentes em três tipos de trabalho, sendo estas: atividades que envolviam somente a escrita, outra que trabalha apenas com a ilustração e por último, atividades que uniam os dois tipos anteriores, contempladas da seguinte forma:

- 3 espaços destinados apenas para escrita nominados como recado para as autoridades, entrevista com moradores da região e classificados;
- 3 para ilustração que estão voltados para a propaganda, o ponto turístico e o mapa; e
- 4 espaços reservados para escrita e ilustração com assuntos que envolviam uma notícia, lazer, alimentação e transporte.

Para a realização da análise desses dados foram escolhidas uma atividade de cada perspectiva trabalhada com os alunos,. Dentre as opções disponíveis foram selecionadas aquelas em que se verificou maior participação dos alunos, clareza quanto aos objetivos do assunto e discussão entre eles, a saber: Lazer, o Recado para as Autoridades e o Ponto Turístico.

No que diz respeito à escolha dos jornais que seriam analisados, foi estabelecido como critério de seleção, a participação e conclusão de todas as atividades. Desse modo, para fins dessa análise, foram considerados apenas os jornais completos. Foram entregues um total de 26 jornais. Desses, 7 estavam totalmente concluídos; 2 estavam apenas com desenhos incompletos; 9 com textos incompletos sendo, 3 faltando a entrevista com o morador; 1 que

⁸ Uma notícia importante e sobre qualquer assunto, lazer, transporte, entrevista com um morador, alimentação, recado para as autoridades, classificados, guia turístico, mapa e propaganda.

não escreveu o recado para as autoridades e 5 que apenas desenharam o meio de transporte; e 8 com desenhos e textos incompletos. Como mostra a tabela abaixo.

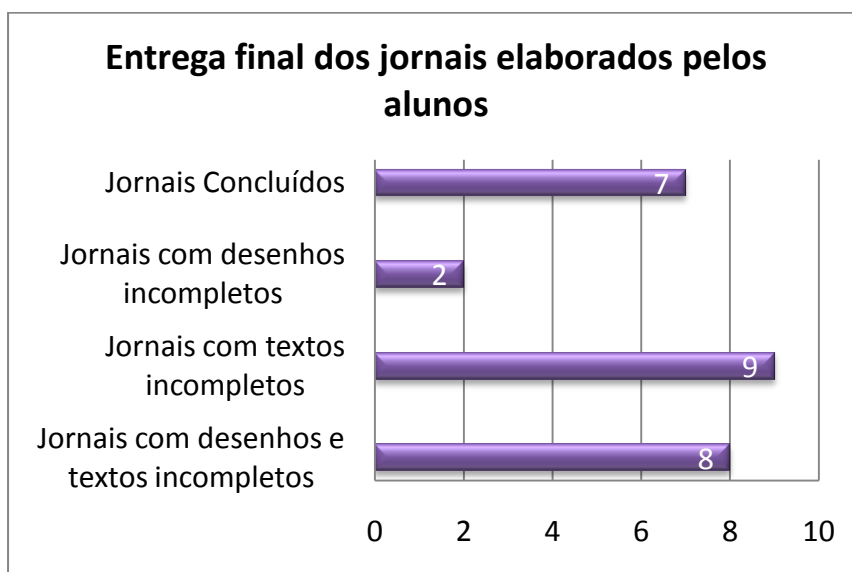


Gráfico 1: Jornais entregues ao final da intervenção.

É importante ressaltar que a análise de dados voltou-se para analisar apenas os jornais dos alunos que completaram todas as etapas, excluindo apenas a atividade do editorial e *slogan* do jornal, pois estes não foram devidamente orientados sobre como deveriam ser feitos. Nota-se também o número elevado de alunos que deixou apenas o texto do meio de transporte em branco, podendo significar que a proposta de tal atividade provavelmente não tenha sido explicada com clareza.

A partir dos critérios estabelecidos foram selecionados 7 jornais que serão analisados. Destaca-se que dentre eles 4 são de alunos residentes em Brasília, 1 de Taguatinga, 1 de Samambaia e 1 do Cruzeiro. Tal fato representa a diversidade de RA's na sala de aula da EC 114 Sul, onde ocorreu a intervenção pedagógica, que gerou os dados para a realização desta pesquisa. Com isso, então, torna-se possível identificar se os alunos não residentes de Brasília identificam e expressam, por meio do jornal, a cidade em que moram.

Os itens que se seguem explicitam os temas selecionados para análise.

Lazer

Inicialmente, foram considerados se os textos e ilustrações expressavam a mesma ideia, ou seja, se o desenho apresentava-se relacionado e coerente em relação ao texto produzido.

Nesta atividade o aluno deveria escrever e desenhar para identificar um lugar que pertence ao seu cotidiano. Nesse sentido foram considerados aqueles lugares que servem para as crianças brincarem, ou tem esse fim específico, ou refiram-se a passeios e/ou atividades que não são feitas no seu dia a dia. A tabela que se segue apresenta essa situação:

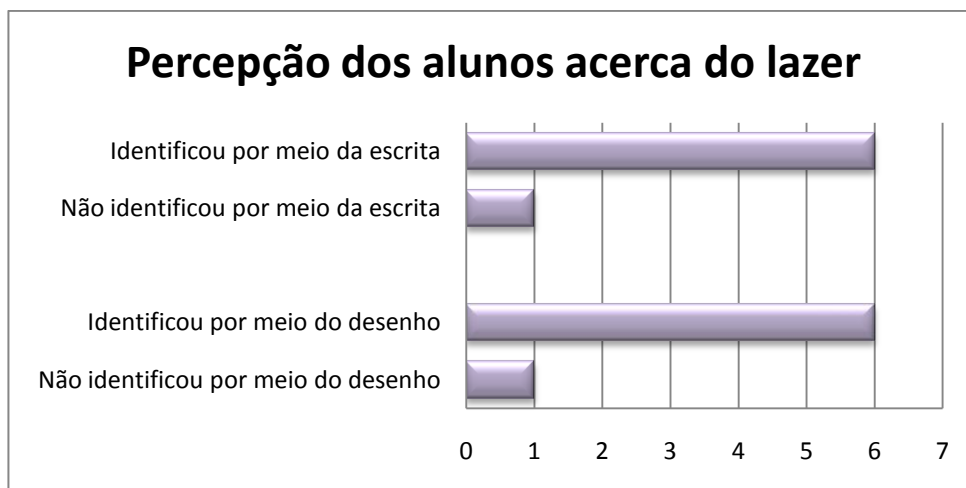


Gráfico 2: Amostragem dos alunos que realizaram o trabalho de acordo com o que foi proposto.

Tal sistematização permite constatar que os alunos identificaram o tema lazer em suas cidades por meio de desenhos e textos. Tal constatação corresponde ao objetivo de avaliar as respostas dadas pelos alunos no tocante aos conceitos apreendidos e conhecer a realidade e o cotidiano do aluno por meio de suas exposições, durante a elaboração do jornal. Por meio desta atividade estamos trabalhando com o estudo de um conceito abrangente, como o lazer, tendo a aprendizagem como algo significativo, que faz parte do contexto da criança também, pois se colocar exemplos de lazer que não pertence a vivência da criança, estaríamos contrastando aquilo que ela entende por diversão, com aquilo que ela desconhece, ou pode não identificar como algo divertido ou que fuja da sua rotina. Foi então a partir da teoria da aprendizagem significativa, desenvolvida por Ausubel (1968, 1978, 1980), que buscou-se integrar o que a criança já entende por lazer com o conceito trabalhado.

Há apenas um único trabalho que não condiz com o objetivo, porque o aluno não escreveu um texto, apenas listou brincadeiras. Nesse sentido, a ilustração também não permitiu constatar relação entre o que foi escrito e ilustrado. Isso demonstra que tanto os alunos que moram em Brasília, como aqueles de outras cidades identificam que há atividades agradáveis, que fogem da rotina e podem ser praticadas, sem que se desloquem para outras cidades do Distrito Federal.

Foi observado também que as crianças apresentaram atividades que integram não somente seu universo infantil, como também o dos adultos. Tal fato atesta que os alunos apreenderam sobre o conceito e souberam apresentá-lo de formas diversas.

É importante não só os alunos identificarem esses lugares onde eles moram como também conhecer sobre outras atividades de lazer praticadas pelos seus colegas, que moram em locais diferentes. Como por exemplo, um aluno que identificou o Shopping como lazer e outro que identificou o Teatro dos Bancários, que está localizado na quadra em que mora. Tal conceito trabalhado de forma coletiva contribui para os alunos conhecerem as variadas opções que estão inseridas neste conceito geográfico. Como, que tipo de espaço pode se ter momentos de lazer, diversidade de opções para eles se divertirem, sair da rotina, dentre tantos outros que eles próprios associam na hora de pensar e escolher apenas uma opção, dentre tantas outras opções de lazer para ser apresentado no jornal. Tais considerações podem ser visualizadas nas ilustrações que se seguem:

Lazer

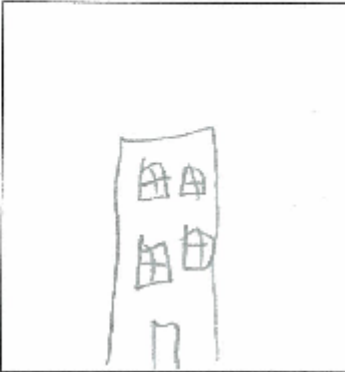
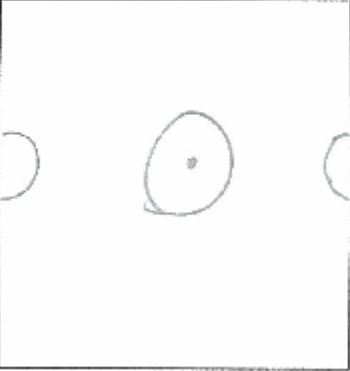
<p>Pique Baga</p> <p>Pique avto</p> <p>Pique casa americana</p> <p>fute bal</p>		
		

Figura 4: A atividade acima refere-se a aluna que teve dificuldade para desenvolver um texto de acordo com a proposta apenas citando brincadeiras que provavelmente pertence aos seus momentos de lazer. No entanto, faltou especificar onde ocorrem tais brincadeiras, explicitar que estas são praticas por ela, dentre outras informações relevantes para chegar a uma conclusão clara sobre o que a aluna pretende apresentar no jornal, além dos desenhos que apenas indicam um prédio que pode ou não ser o que a aluna reside e um campo de futebol, que pode ou não ser onde a criança brinca. Portanto, não foi possível interpretar os dados que a aluna escreveu.

Lazer

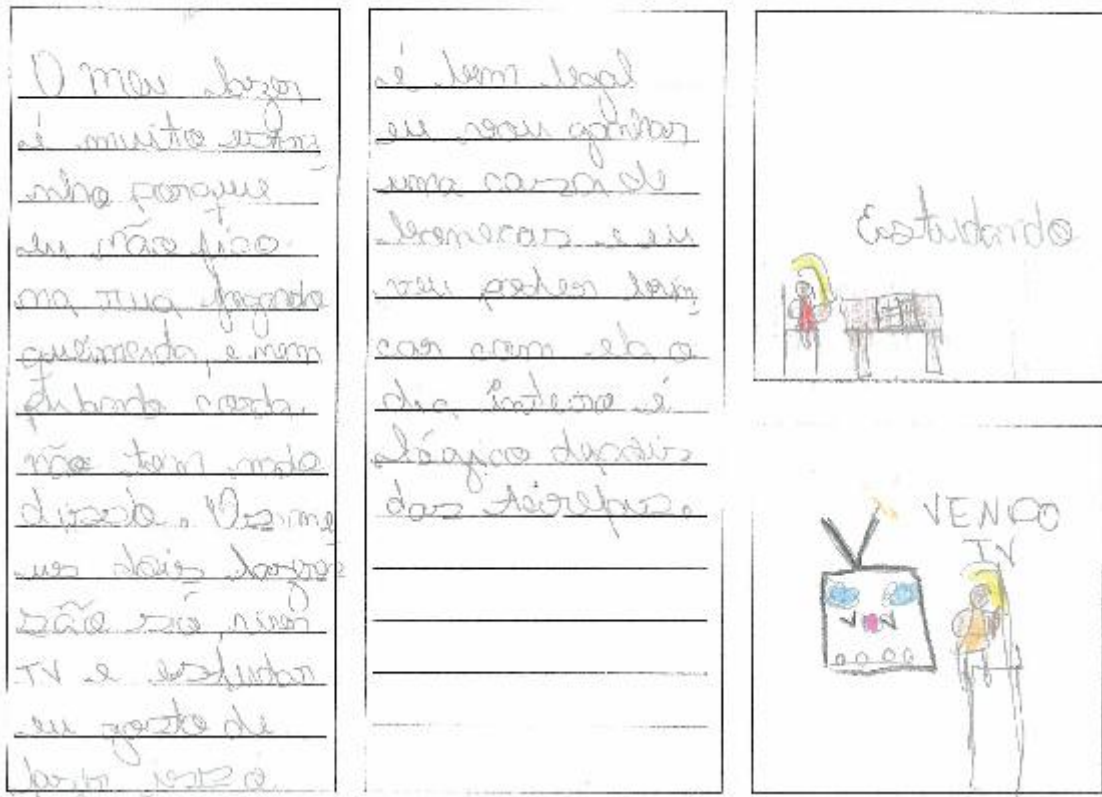


Figura 5: Este trabalho foi realizado pela aluna moradora da RA de Taguatinga. De acordo com o texto escrito por ela, seus momentos de lazer são dentro de casa estudando e assistindo “TV”. A aluna, logo no início do texto, também explicita que considera seus momentos de lazer estranhos, pois não fica na rua jogando queimada e pulando corda. Percebe-se então que a aluna tem referências de lazer voltadas para atividades desenvolvidas dentro de casa e sem a necessidade de outras pessoas participarem.

Lazer

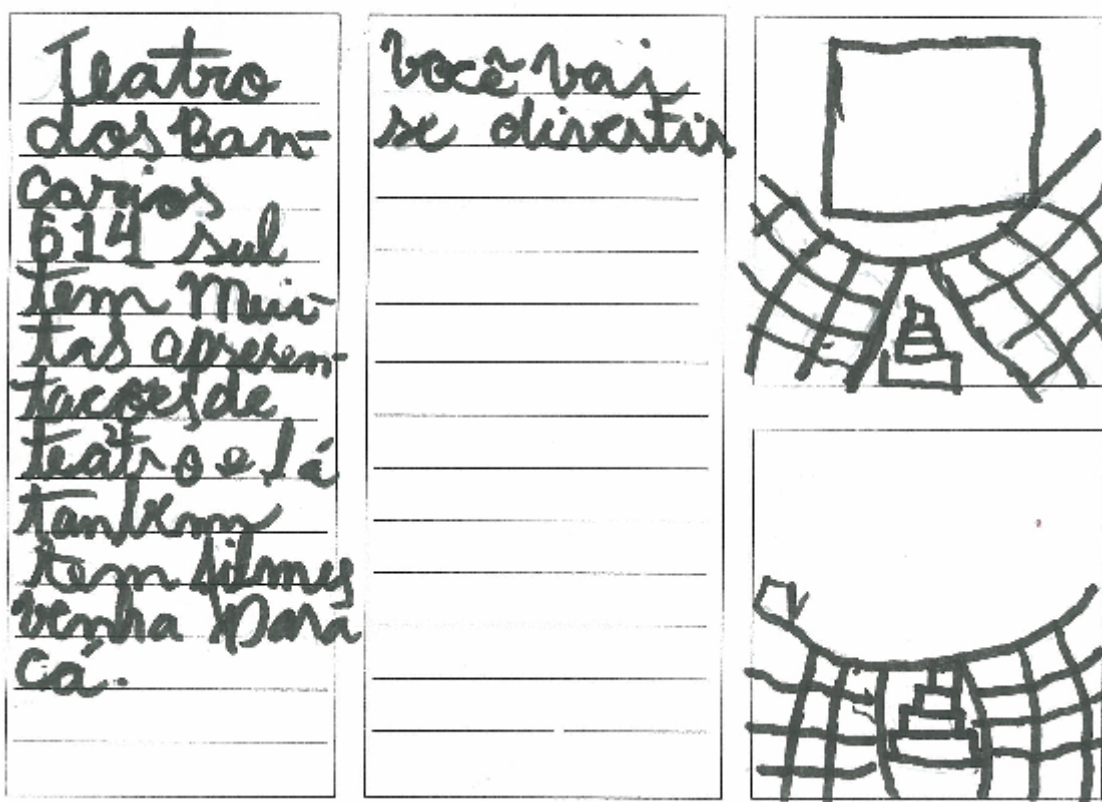


Figura 6: A aluna acima mora na 314 sul e citou um Teatro próximo da quadra em que reside. Não é possível saber se a aluna frequenta tal estabelecimento, no entanto, fica claro que ela tem conhecimento do tipo de lazer e atividades são realizadas no local e que conhece o lugar sobre o qual escreveu.

Lazer



<p>Quando estou feliz Quando foz uma ceiça que eu gosto Quando vou Para a casa do minha amigo</p>	<p>eu Quando fico perto da minha família</p>	
		

Figura 7: O texto e ilustração descritos acima pertencem a um aluno que mora na RA de Samambaia. É possível perceber que o aluno descreve atividades de lazer praticadas perto de sua residência e a associa-as a ocasiões de felicidade e que gosta de praticá-las. Tal associação não foge do conceito construído coletivamente com a turma que apontou o lazer como momentos de diversão e alegria por alguns alunos. Também a clareza nessa vinculação que é estabelecida entre o lazer e a felicidade quando o aluno aponta estar perto da família um momento de lazer.

Lazer


<p>Museu da República localiza-se no eixo Monumental perto da Estação dos Monumentos. Exibição de obras de artistas plásticos do Distrito Federal e de outras estados. Itens com temas como = temperaturas,</p>	<p>Instrumentos e Reciclagem.</p>	



Figura 8: Esta atividade foi realizada por um aluno morador de Brasília. A relação entre o desenho e o texto é clara, pois um retrata o outro. É interessante observar como o aluno, por meio da notícia, escreveu a localização do local de lazer e diversas atividades desse gênero que podem ser realizadas num mesmo lugar.

Lazer

BRASÍLIA DF

Parque da cidade
As academias
são para
se exercitar
tem o parque
Nicolândia que
tem que pagar
também tem
o parque Ana
Lidia que tem
brinquedos
e você entra
de graça pra
rueter o bar

que se de
desertar.



Brasília é o terceiro pólo
gastroônômico do país, atrás
de São Paulo e Rio.

Figura 9: O aluno morador de Brasília não desenhou os lugares citados no texto, porém como se trata de uma ilustração é possível verificar se esta faz sentido com o texto escrito pelo aluno. Na reportagem o aluno descreve como opções de lazer o Parque da Cidade, academias, Nicolândia parque, parquinho Ana Lídia, além de especificar quais são pagos e aqueles que são gratuitos, todos localizados na RA do aluno. O único item que a criança generalizou foi o termo academias, o que pode significar que a criança tem conhecimento sobre mais de uma unidade ou relacionou-as como práticas esportivas, também consideradas por ele como opção de lazer na cidade.

Lazer

<p>Vários lugares bonitos e pacos onde brincar para patinar gelo e o sopper e perto e divertido com tudo cinema lojas, lanchonetes brinquedos etc e a localização na 10 a loja problema família academia lojas</p>	<p>de divertimento e na entrada do cruzeiro e muito perto da minha casa a porta para ir, loja loja de brinquedos e outros</p>	
		

Figura 10: O trabalho acima foi elaborado por um aluno que reside na RA do Cruzeiro. Apesar da dificuldade em entender o que está escrito, é possível identificar palavras chaves como “vários lugares bonitos”, “o sopper” (aqui quis dizer shopping) é perto e divertido com tudo cinema, lojas, lanchonetes, brinquedos”, “entrada do Cruzeiro e muito perto da minha casa”. Em seguida observa-se que o aluno desenhou um shopping e o identificou, além de lojas que provavelmente estão dentro do shopping.

Recado para as autoridades

Outra atividade analisada foi a coluna denominada “Recado para as autoridades”, que buscou verificar se os alunos tem condições de identificar problemas, encontrar soluções e saber quem é o responsável que pode resolver o problema identificado em seu lugar de moradia. Essa atividade contou apenas com um texto que deveria ser escrito em formato de carta, a fim de informar o responsável pela RA sobre o assunto, para serem tomadas providências a fim de amenizar ou acabar com o problema.

Tal atividade mostrou-se muito rica, pois durante as discussões coletivas sobre o que cada um tinha escrito, criou-se a oportunidade de questionar quem era o verdadeiro responsável que poderia solucionar o problema. Alguns alunos se remeteram ao governador, outros ao administrador da cidade, ao prefeito, no caso das cidades do Entorno, e outros apenas não citaram no texto um responsável, além de fugirem do gênero textual que foi proposto. Dentre os jornais escolhidos o número de alunos que identificou um problema foi superior ao número de alunos que não identificou. Como apresenta o gráfico abaixo:

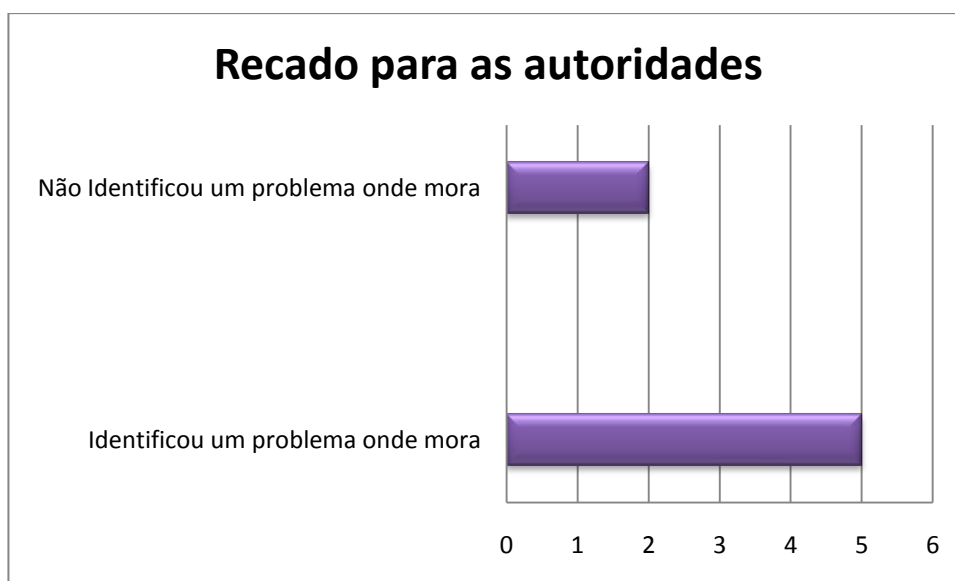


Gráfico 3

Durante a orientação e elaboração do texto não houve restrição para identificar um problema. Os alunos deveriam apenas apresentar algo relacionado ao lugar e que correspondesse ao jornal. Dessa forma, consideraram-se como problemas identificados aqueles em que o aluno expressou de forma clara, ou justificou a escolha do problema no decorrer do texto. Nesse sentido, somente dois alunos não identificaram um problema. Supõe-

se que esses alunos são aqueles que podem não perceber algo errado, ou que algo possa ser melhorado. Provavelmente tais problemas não interferem diretamente o seu dia-a-dia ou não são visíveis. Entretanto, quando alunos compartilham de um problema da sua cidade com os demais colegas, ocorre a possibilidade de outros alunos se remeterem aos seus lugares, para comparar e até identificar algo semelhante percebido por ele, para em seguida, associar, estabelecer conclusões que lhes permitam a construção do pensamento autônomo e que contribua para o aluno identificar problemas a partir da sua própria vivência.

Os desenhos que se seguem atestam a diversidade de situações identificadas pelas crianças, no que se refere a uma leitura da realidade.

Recado para as autoridades

Nada para reclama

Figura 11: Neste texto o aluno, morador de Brasília, explicita que não há nada que ele identifique como problema ou que deve ser melhorado no lugar onde mora.

Recado para as autoridades

Eu queria que a
administração da
minha cidade Tagu
atinga-norte lim
passem os 2
lixões 2 por
to da minha casa
e fizessem uma
área de lazer
para os criam
ças porque
é muito pe
rigoso eles
brincarem na
rua

Figura 12: “Eu queria que a administração da minha cidade Taguatinga-norte limpassem os dois lixões perto da minha casa e fizessem uma área de lazer para crianças porque é muito perigoso eles brincarem na rua”.⁹ O aluno logo no início do texto identifica que está falando sobre Taguatinga, lugar onde reside e reclama sobre os lixões que existem perto de sua residência. Além de identificar o problema e apontar consequências pelo abandono do lixo, ele também sugere a construção de uma área de lazer no terreno. É importante destacar que o aluno citou sobre problemas que estão ao lado da sua casa, ou seja, o aluno convive com o problema e se sente prejudicado de alguma forma.

⁹ Transcrição do texto que aparece na imagem.

Recado para as
autoridades

Atualmente
a Segurança
Na 513
sul por
que a
lotérica
já foi
asatada
15 vezes.

Figura 13: Nesse texto, o aluno reside em Brasília, escreveu sobre um problema voltado para a segurança do lugar. Não falou sobre um problema geral, e sim sobre aquilo que acontece perto de onde ela mora. Ele pede para melhorem a segurança, para acabarem os assaltos. Tal problema também foi observado em outros jornais, durante as apresentações feitas, o que também contribuiu para os alunos perceberem que um mesmo problema pode ser semelhante em outros lugares. Nota-se também a falta de um destinatário, pois o aluno deixa em aberto para quem ele está pedindo para aumentar a segurança, se são para os policiais, administrador, governador, ou outra autoridade.

*Recado para as
autoridades*

*Eu acho
que eles
devem
limpar
e lizo
mais
Para não
ficar
fedendo
dever
arrumar
os buracos
Por que
tem muito
buraco.*

Figura 14: Este aluno reside em Samambaia, porém não explicitou a informação no jornal. Parte-se do princípio que o problema relatado refere-se ao lugar onde ele mora, pois não foi solicitado que eles deixassem tal informação explícita, inclusive porque desde o início da construção do jornal, eram constantemente lembrados que deveriam escrever somente sobre a cidade deles. Analisando o texto e remetendo-o para os objetivos da pesquisa, é possível destacar que ao identificar o primeiro problema, o aluno também justifica porque assim o considera, avisando que o lugar está “fedendo” e, diferente do aluno da figura 9, ele não escreveu alguma solução que poderia melhorar o lugar. Sobre o segundo problema, ele apenas avisa que o problema existe, porém não escreve porque considera os buracos um problema ou o que deve ser feito para saná-lo. Ele também não identificou no texto para quem era a informação, podendo ser por motivos de falta de linhas, não conhecer para quem se reportar, esquecimento ou outro motivo.

*Recado para as
autoridades*

Governador
do Distrito
Federal, Agnelo,
invista na educa-
ção, pro-
fessores, escolas e
escolas parques,
para que nós
estudantes tenhamos
melhores oportuni-
dades
na vida.

Figura 15: Na figura está escrito: “Governador do Distrito Federal, Agnelo, invista na educação, professores, escolas e escolas parques para que nós estudantes tenhamos melhores oportunidades na vida”. Diferente dos demais recados analisados, este estudante, morador de Brasília descreve um problema mais geral e complexo comparado com os anteriores. Além disso, ele justifica que a melhoria na educação traz como consequência melhores oportunidades na vida. Ele também desenvolveu a escrita do texto mais acordado com o que havia pedido. Ele citou o governador do DF como a autoridade responsável para resolver o problema.

*Recado para as
autoridades*

*a reforma dos
pontos para
melhora lá
assim tendo
mais pessoas
feliz e
onde os carros
melhora o
necio de pneus
para o
minuto do
Cruzeiro*

Figura 16: Apesar esforço para a leitura do texto, foi identificado uma escrita incoerente que não liga fator, problemas e soluções para o Cruzeiro. O texto acima traz a seguinte mensagem: “As reformas dos ponto para melhora lá assim tendo mais pessoas feliz aonde os carros melhora o necoio de pneus para o minuto da Cruzeiro”. A partir de palavras chaves não foi possível identificar se ele estava descrevendo um problema ou afirmando que houve reforma nos pontos (provavelmente de ônibus) e isso deixou pessoas felizes. Portanto não há, neste caso, como perceber se o aluno identificou um problema da sua cidade.

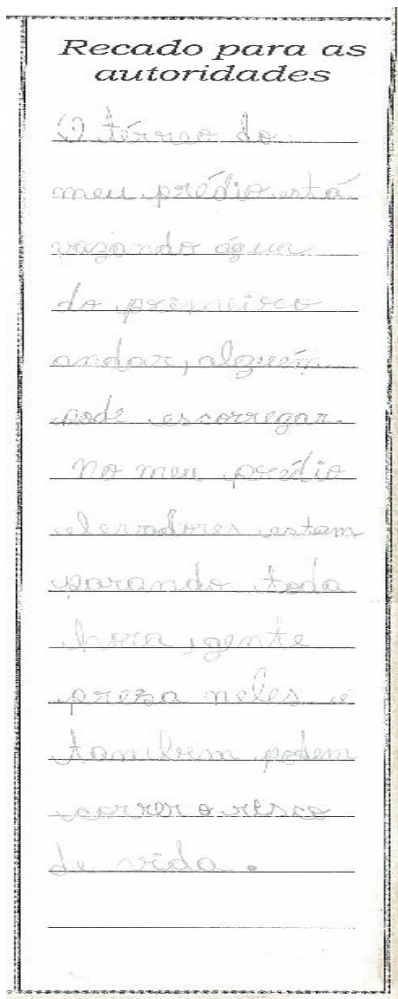


Figura 17: A última figura analisada da atividade “Recado para as autoridades” traz um diferencial considerado importante e interessante. O aluno morador de Brasília, ao realizar esta atividade em sala questionou o que deveria escrever, pois não conhecia nenhum problema para escrever no jornal. Foi questionado então se ele desconhecia problemas que estavam inseridos em sua cidade. Houve uma reflexão que antecedeu a resposta. Após, ele respondeu que havia um, mas não sabia se era certo escrever sobre ele. Avisei que naquele momento não existia errado, tudo estava certo e ele poderia escrever de acordo com o que tinha entendido. O aluno não quis compartilhar o que havia escrito e somente no recebimento do jornal li a atividade. Acredito que esta foi, dentre todas, a maior evidência de que quando falamos do nosso lugar, não precisamos aprender e perceber sobre o assunto buscando evidências distantes dos alunos. Aqui o aluno descreveu sobre um problema do prédio em que ele mora: “O térreo do meu prédio está vazando água do primeiro andar, alguém pode escorregar. No meu prédio elevadores estão parando toda hora gente presa neles e também podem correr risco de vida”. O aluno apenas identificou o problema relatando do que se tratava e porque o assim considerava. Portanto, neste trabalho tal descrição atingiu o objetivo principal, que foi o aluno identificar o problema. Mesmo não tendo mencionado que era o responsável pela melhoria e nem como esta deve ser realizada.

As considerações acima permitem supor que, talvez tenha sido um problema não restringir ou especificar sobre o tipo de problema que eles deveriam identificar, pois os 7 jornais representam uma diversidade ainda maior, dentre os outros alunos que também fizeram a atividade. Deve-se destacar também que os problemas relatados em sua maioria estão, em algum sentido, inseridos no cotidiano dos alunos e tanto diretamente quanto indiretamente, podem estar prejudicando-os de alguma forma.

A oportunidade de identificar diversas situações consideradas como um problema ou porque são identificadas como tal, além de saber quem é o responsável pela melhoria, se existe apenas um responsável, ou se em alguns casos podemos considerar que existem vários responsáveis. E se em relação as melhorias é possível cogitar se nós mesmos podemos amenizar um problema. Busca-se nesse sentido, inserir a questão de conscientização, conservação e responsabilidade.

Essa experiência foi muito rica, pela possibilidade de não somente identificar os problemas, como também, refletir sobre o assunto, questionar a situação e conseqüentemente, desenvolver um pensamento crítico acerca dos assuntos debatidos.

Pontos Turísticos

No que tange a análise sobre esse tipo de atividade, no caso desenhos, buscou-se identificar se os alunos reconheciam, ou não, um lugar de sua cidade, por meio da ilustração de um ou mais pontos turísticos. A atividade deveria ser realizada em conformidade com as orientações dadas, inclusive por meio dos exemplos dados e explicados em sala de aula.

Para isso foram determinados, o que poderia ser considerado um ponto turístico e sua definição. Cabe aqui ressaltar que, de forma geral, o conceito utilizado foi o de que “um ponto turístico é um lugar bonito para mostrar para as outras pessoas” (Borges, 2011). Nesse sentido, alunos de outras cidades, diferentes de Brasília, deveriam escolher um lugar que eles conhecem, de sua RA, para apresentar no jornal. A atividade realizada considerou a teoria e metodologia do estudo do lugar de Callai (2000, 2005) e Cavalcanti (2000, 2005, 2008), que afirmam a importância de se levar o cotidiano dos alunos para a sala de aula.

Importante ressaltar que, durante as fases de observação realizadas durante o ensino do lugar Distrito Federal os livros didáticos adotados e os passeios/visitas escolares efetuados

apenas evidenciavam Brasília. Nesse sentido, pode-se supor que a história e formação de identidade das pessoas das demais cidades não são valorizadas.

Os desenhos que se seguem identificam os pontos turísticos da cidade dos alunos:

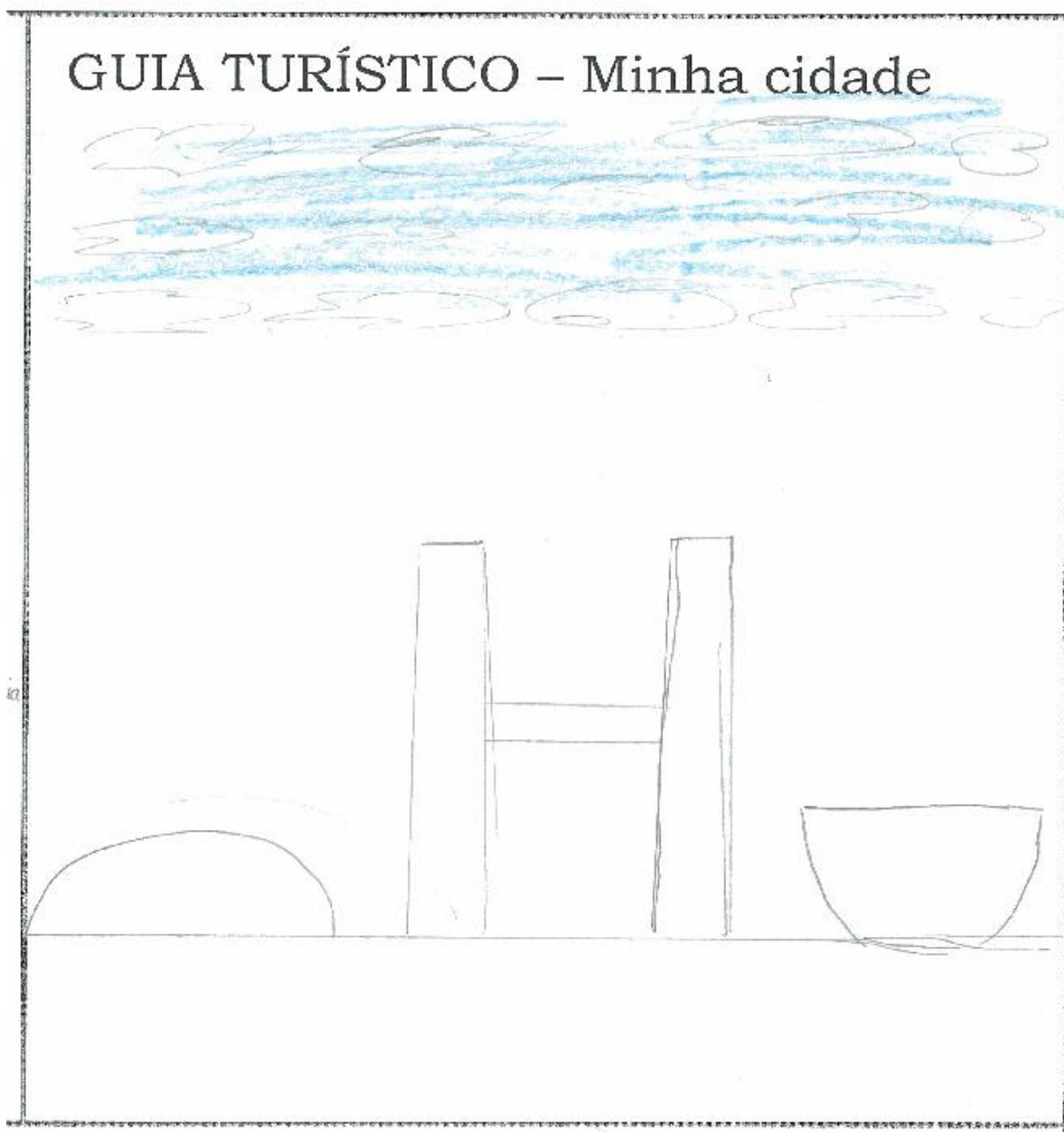


Figura 18: Observa-se que o aluno teve condições de representar, através do desenho, um ponto turístico que está localizado na RA em que reside, por meio da representação do Congresso Nacional, que é um dos principais símbolos e cartão postal de Brasília, sendo evidenciado, inclusive, em diversos meios de comunicação e informação.

GUIA TURÍSTICO – Minha cidade



Figura 19: O aluno ilustrou o parque-pague de Taguatinga como um lugar bom para se conhecer na cidade, evidenciando assim um lugar para se conhecer em sua cidade. Neste caso, é possível perceber que o principal objetivo da atividade foi alcançado, pois o aluno reconheceu um lugar, em sua cidade, que considera como ponto turístico e está dentro do conceito elaborado coletivamente com os alunos.

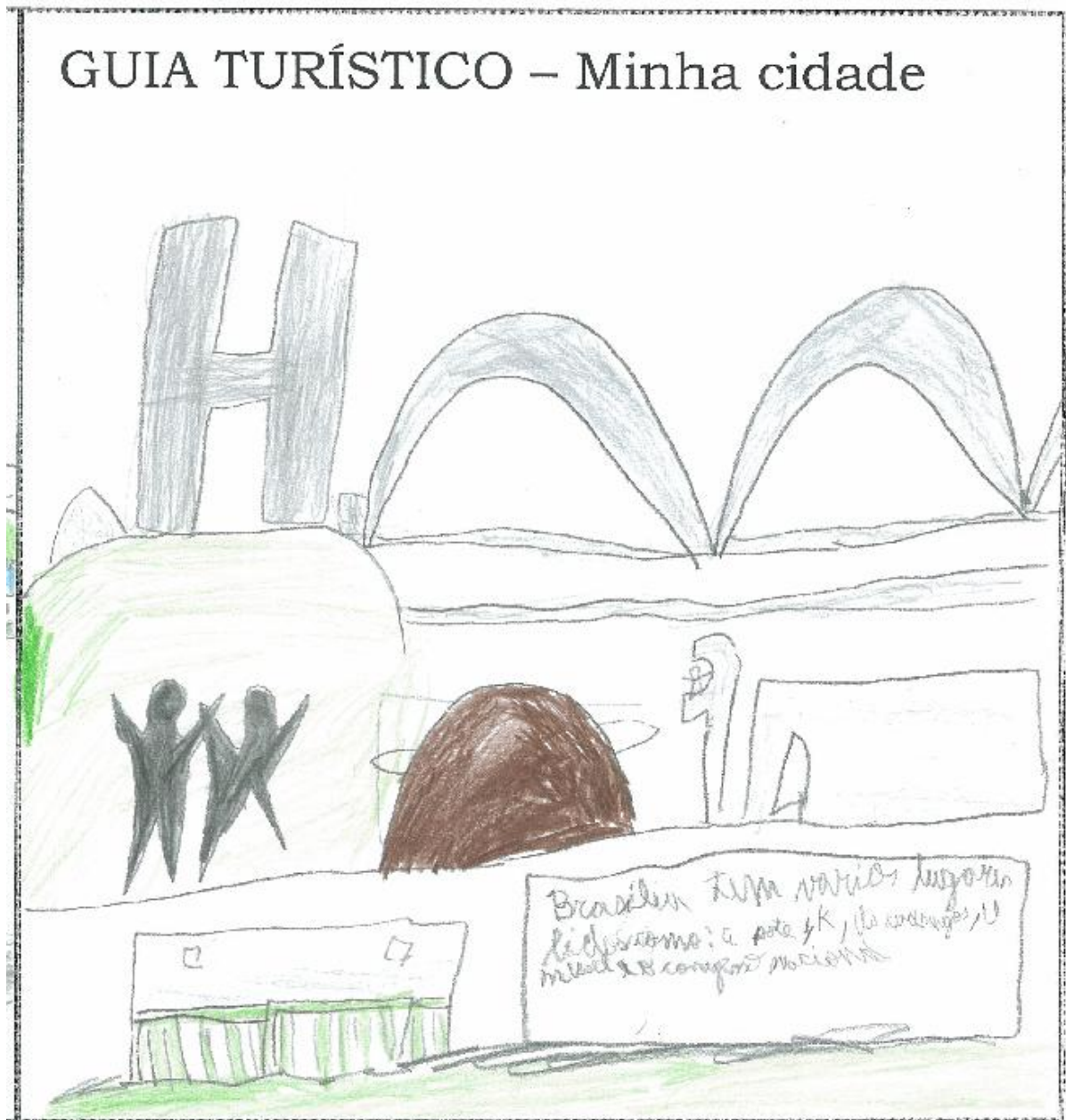


Figura 20: O aluno responsável pela imagem acima é morador do Cruzeiro e suas ilustrações correspondem ao lugar Brasília. O próprio aluno, em uma caixa de texto, evidencia e identifica os monumentos desenhados e em qual cidade estão localizados, porém o objetivo de que fosse identificado no seu lugar não foi alcançado, pois foi solicitado que estes deveriam estar localizados na RA que ele mora. Assim, conclui-se que este aluno não conseguiu identificar um ponto turístico na cidade em que reside. Tal situação pode nos levar a algumas interpretações como: o aluno não conhece a RA em que mora a ponto de identificar um lugar que se integre a cidade; ele não identifica, ou valoriza o lugar para ser apresentado aos turistas; pode ser a proximidade do Cruzeiro com o Eixo Monumental; ou por talvez já estar condicionado a pensar que estes locais, em Brasília, são mais visitados pelos turistas, recebem mais passeios de escolas e se encaixam no conceito de ponto turístico.

GUIA TURÍSTICO – Minha cidade

na minha cidade de Samambaia,
não o ponto turístico.
mas na região onde eu estudo
têm.

Figura 21: A seguinte imagem foi escrita pelo aluno que mora em Samambaia. Ao não realizar o desenho e justificar a falta deste, é possível perceber que as orientações das atividades foram compreendidas, porém, o estudante preferiu escrever apenas uma mensagem sobre pontos turísticos, identificando que na RA que ele estuda existem pontos turísticos. Isso pode representar o fato de ele não conhecer sua cidade a ponto de identificar algo que mereça ser visitado, ou valorize outra localidade que não a sua. Isso pode significar que ao se valorizar e estudar apenas Brasília como se fosse o mesmo que estudar DF, pode dificultar o processo de correlação necessário para que futuramente ele consiga reconhecer e ampliar um conceito por meio daquilo que é ainda desconhecido. Interessante observar que o texto atesta que o aluno reconhece e diferencia sua cidade em relação a Brasília, usando para isso termos coerentes com a definição dos lugares.

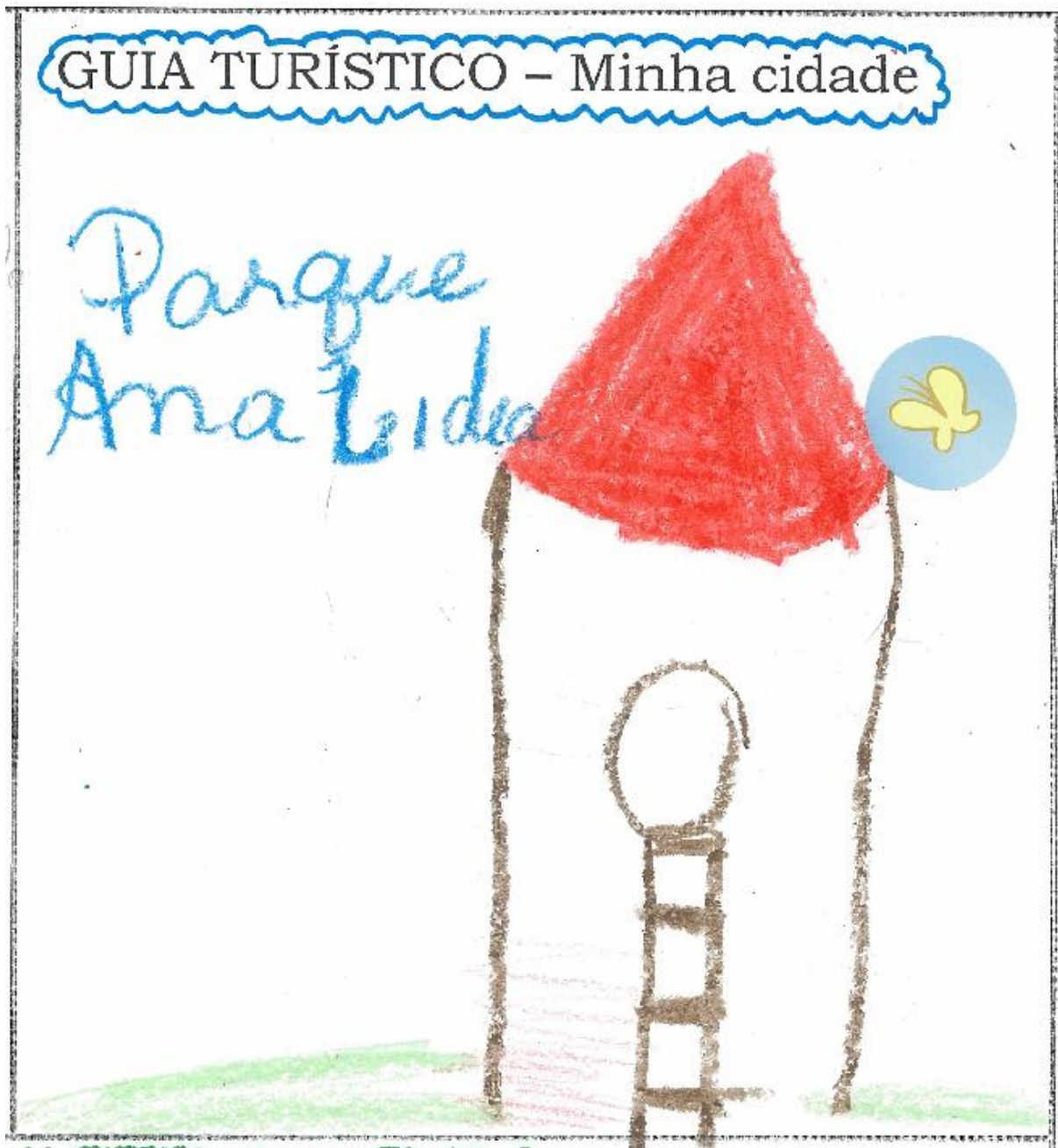


Figura 22: Aqui é interessante destacar que apesar do aluno ser morador de Brasília, ele apresentou como ponto turístico o Parque Ana Lúcia, localizado na Asa Sul. Isso demonstra que apesar de ter estudado e conhecido diversos pontos turísticos em Brasília, ele destacou aquele que faz parte do seu cotidiano e está inserido dentro do conceito elaborado pelos próprios alunos. Merece destaque, também, o fato deste parque ter sido visitado nas excursões dos alunos durante o ensino sobre o DF. O roteiro de percurso realizado nessa ocasião foi: Memorial JK, a Esplanada dos Ministérios, a Praça dos Três Poderes e por último o parque aqui representado. É provável que a representação do parque tenha sido por influenciado pelo momento vivenciado no passeio.



Figura 23: A ilustração acima foi feita por um aluno que mora em Brasília. Aqui ao invés de destacar um único lugar, há referências de vários pontos turísticos. No entanto, deve-se destacar que a elaboração do mapa e palavras de identificação, não condizem com as outras atividades do mesmo aluno. Como houve a oportunidade dos alunos levarem o material para casa, a fim de passarem os trabalhos feitos à limpo, provavelmente esta foi uma atividade feita com ajuda de outras pessoas. Apesar disso, a atividade não foi desconsiderada, pois as demais atestaram que o aluno soube identificar o lugar corretamente.

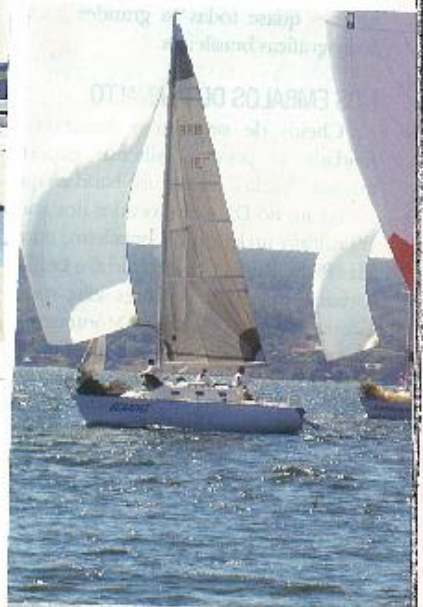
GUIA TURÍSTICO – Minha cidade



Biblioteca Nacional de Brasília



Palácio da Justiça, na Esplanada dos Ministérios



Brasília é o terceiro maior parque náutico do País

Pontos Turísticos
da Capital Federal.



Congresso Nacional

Figura 24: Como em momento algum foi restringido outras formas de representar o lugar, as gravuras aqui recortadas e coladas são consideradas uma forma de ilustração. Aqui o aluno morador de Brasília trouxe para o jornal pontos turísticos já bastante conhecidos e famosos. Além de recortá-los deixando a legenda à mostra para nominá-los, ele também escreveu que estes pertencem a capital federal, Porém não é possível dizer se ele tem a ideia de que a capital federal é Brasília ou o Distrito Federal com um todo.

A partir dessas considerações constata-se que os alunos não só entenderam o conceito utilizado, como também conseguiram identificar ou valorizar um lugar de suas cidades. Entretanto, percebe-se que a falta de um espaço para a escrita dos alunos nesta atividade, empobreceu a análise realizada, pois apenas a identificação dos lugares não contribuiu para que se tirasse uma conclusão mais precisa sobre o assunto. Nesse sentido, a escrita dos alunos como processo de sistematização do pensamento, constitui-se um instrumento para verificar a compreensão deles em relação ao conceito, notadamente no que se aplica ao seu próprio lugar. Compreender o que de fato o aluno quis dizer, ou porque escolheu determinado ponto turístico, como foi o caso do pesque-pague de Taguatinga. Como este aluno não se voluntariou para apresentar essa atividade, não houve a oportunidade de procurar saber porque ele havia feito essa escolha, ou qual é a vivência que tem com o lugar.

No entanto, considera-se que apesar da falta de informação escrita, o objetivo principal, que consistia em verificar se o aluno identifica/conhece seu lugar, não foi perdida. Assim, constata-se que apenas um aluno não identificou corretamente um ponto turístico (Cruzeiro) e outro que expressou sua dificuldade em identificá-lo em Samambaia, porém expressando de forma clara e objetiva que compreendeu o objetivo da atividade, não desenhando outro lugar, que estaria em desacordo com o que foi solicitado.

CONCLUSÕES

A partir das análises feitas foi possível verificar que os alunos compreenderam os conceitos aprendidos por meio das atividades solicitadas, tanto pelo desenho como pela escrita. Essa percepção foi clara pela apresentação adequada dos conceitos que apareceram no jornal, como também pelo fato da maioria conseguir relacionar o jornal com seu lugar. Nessa perspectiva, foram identificados aspectos positivos e negativos sobre seus lugares, bem como diferenças entre as cidades que compõem as Regiões Administrativas do DF (como constatado na análise).

Isso demonstra que os alunos conseguiram se apropriar do conceito, expressando-os por meio das representações e textos descritos nos jornais. Isso evidencia uma prática que possibilitou aos alunos correlacionar conceitos com fatos concretos e vividos por eles, além de comparar e associar o seu lugar com o do colega.

A estratégia de ensino e pesquisa também se mostrou viável como instrumento e como recurso colaborador para a mediação entre os envolvidos na pesquisa, pois o jornal, neste caso, foi um facilitador para a aprendizagem de conceitos geográficos, que dizem respeito ao conteúdo do lugar na geografia.

É interessante observar que a aprendizagem sobre determinado conceito, pode ser construída de formas diferenciadas, com base nas vivências do aluno. Essas permitem, ainda, associações de ideias, correlações de causa e efeito, sínteses espaciais, analogias, dependendo daquilo que o aluno já conhece e vivencia no seu cotidiano. Tal fato amplia gradativamente o seu referencial sobre determinados assuntos e liga-os a conceitos que podem ser, mais tarde, identificados em outros lugares ou ocasiões.

O trabalho valorizou a troca de experiências entre os próprios alunos, de acordo com aquilo que eles mesmos percebiam e as informações de cada um durante as apresentações coletivas. Dessa forma, percebeu-se que os alunos, durante a construção do jornal, tiveram os relatos e suas próprias buscas de pesquisa, como principais mediadores entre aquilo que já conheciam e o que poderia ser identificado a partir por meio do trabalho e aquilo que eles já conheciam, reafirmando assim as metodologias de ensino criadas por Vygotsky e Ausubel, pois os dois teóricos partem do princípio que para ocorrer a formação de um conceito ou

aprendizagem é necessário que aquilo que é aprendido possa ser mediado por outro conceito já construído cognitivamente pelo aluno ou por um objeto.

O fato dos alunos terem explicitado um problema que acontece perto de onde ele mora e, concluindo que para eles é mais fácil identificar algo concreto e presente no seu dia-a-dia para posteriormente, identificar diferenças e semelhanças em outros lugares, reafirma a importância de um ensino de geografia a partir do cotidiano e vivência dos próprios alunos, estabelecendo conceitos e significados por meio do objeto concreto e/ou conhecido pela criança.

A mediação realizada entre instrumento de pesquisa, pesquisador e alunos participantes por meio de discussões e partilha sobre cada lugar também esteve inserida naquilo que a teoria de Paulo Freire defende em que, na pesquisa participante, além dos alunos terem aprendido e produzido um material rico e significativo, foi possível aprender mais sobre alguns conteúdos escolares, trocar experiências, ensinar outros colegas e o próprio pesquisador sobre sua cidade, e ao mesmo tempo foi possível aprender com os demais. Isso possibilitou fugir de padrões mecanizados de ensino, que restringem assuntos, por vezes complexos, dificultando a construção de um pensamento crítico e autônomo.

Portanto, mesmo que este trabalho não tenha contemplado todas as atividades realizadas no jornal e todos os alunos, foi possível perceber, claramente, a construção, desenvolvimento e reelaboração de ideias e em decorrência disso, a evolução no tocante ao próprio processo de construção de conceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA – Prefeitura Municipal de Salvador. Pessoa, Vânia. Conhecendo melhor o Jornal. <http://www.sme.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educar/ensino-fundamental/ensino-fundamental/provinha-brasil/artigos/conhecendo-melhor-jornal.pdf> acesso em 17/01/2011

BORGES, Marina Fontes. Relatório de Observação – Projeto 4 – fase II. Brasília, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues & STRECK, Danilo Romeu. Pesquisa participante: o saber da partilha. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2006.

BRASIL, Ministério Da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia – Brasília : MEC/SEF, 1996.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria Do Estado De Educação – GDF. Currículo da Educação Básica – Ensino Fundamental – séries iniciais. Brasília, versão experimental, 2008.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. CEDES, Campinas, v. 25, n. 66, ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 09/04/ 2011.

_____, Helena Copetti. “Estudar o lugar para compreender o mundo” In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos(org.). Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no Cotidiano. Porto Alegre – RS: Ed. Mediação, 2000, pág. 83 – 134.

CARPINTERO, Antonio Carlos. Ent.Bau.Denk. Ein Anderes Brasilia (Uma outra Brasília). n.4 Nov 2003 – Kassel – Alemanha. pp. 42-49.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008, pág. 15 – 37.

_____, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao Ensino de Geografia. Campinas: Cad. Cedes,

vol. 25, n. 66, maio/ago 2005, p. 185-207.

_____, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus, 2000.

COSTELLA, Roselane Zordan, O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações sociais. Tese de Doutorado, UFRGS Porto Alegre, 2008.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. Jornal: Recurso pedagógico transdisciplinar de reflexão crítica e desenvolvimento da cidadania.
<http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educar/ensino-fundamental/ensino-fundamental/provinha-brasil/artigos/conhecendo-melhor-jornal.pdf>
acesso em 17/01/2011.

FARIA, Maria Alice & Zanchetta Jr., Juvenal. Para ler e fazer o jornal na sala de aula. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro: ano IV, n. 7, p. 67-78, jul/dez. 1999

LASSANCE, Adalberto. Brasília e Distrito Federal: Imperativos Constitucionais. Brasília: Verano Editora, IHGDF, 2002. (Bib. 5, pág. 15 – 76)

LEITE, Adriana Figueira. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ. Volume 21, 1998.

LEITE, Cristina Maria Costa. “Geografia no Ensino Fundamental” In: Universidade de Brasília/Departamento de Geografia, Coleção Espaço e Geografia, Vol. 5, Nº2, Gestão Urbana e Regional, 2002.

_____, Cristina Maria Costa. O lugar e a construção da identidade no 4º ano do Ensino Fundamental: os significados construídos por professores de geografia de uma cidade

do Distrito Federal. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Projeto de qualificação ao Doutorado em Educação. 2010.

MOREIRA, Marco Antonio. A aprendizagem significativa e sua implicação em sala de aula. A teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2006. Pág. 13 – 42

_____, Marco Antonio. Aprendizagem significativa. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1999.

PELUSO, Marília & Candido Washington. Distrito Federal, paisagem população e poder. São Paulo: Editora Harbra, 2006.

RODRIGUES, Auro de Jesus. “Geografia, Ciência, Método e Objeto”: In: RODRIGUES, Auro de Jesus Geografia: Introdução a Ciência Geográfica. São Paulo: Avercamp, 2008, pág 09 – 34.

_____, Auro de Jesus. “Geografia Contemporânea”; In: RODRIGUES, Auro de Jesus Geografia: Introdução a Ciência Geográfica. São Paulo: Avercamp, 2008, pág. 96 – 127.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. Pesquisa qualitativa. São Paulo: Atlas 1994. Pág. 116-162.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ANEXOS

Grupo 1

O que compõe um jornal? notícia

O que tem na capa? notícia principal

Ele está dividido? não

Qual é a notícia principal? esporte

Qual é a Data? 14 de fevereiro de 2011

A notícia é local ou nacional? nacional

Quem do grupo recebe jornal em casa? Eu não

Em quais outras mídias de comunicação nos chega
mais das notícias? rádio, TV, rádio e computador

Coleção Itaú de Livros Infantis



Depois de ler e reler, entregue este livro
para outra pessoa fazer o mesmo.



Guilherme.

25 01
menininhas

24/02/2011

LOBO DESAPARECE DEPOIS DE COMETER CRIMES

Ontem por volta das 17:00 um lobo cometeu um crime "destruiu a casa de palha que o porquinho Tomaz tinha construido. O motivo foi que o lobo estava com fome e queria comer ele se debruçou e comeu Tomaz. Depois disso às 17:30 o lobo voltou de novo só que



queria comer "luis" que tinha sua casa de madeira e Luis tentou fugir só que não conseguiu e foi comido.

no final da tarde o lobo tentou debruçar esta casa e não conseguiu

O lobo estava perigoso voltou de novo só que dessa vez não deu certo ele queria debruçar a casa do João do Formoso mas que não conseguiu

